Jornal de Poesia

*E*studos & *C*atálogos – *M*ãos*

Soares Feitosa

*A*o dono, indelegável, personalíssimo, o direito de ferrar. Algo solene, quase místico, manhãzinha, que de tarde o sol, a poeira e a fadiga do gado seriam por demais. O proprietário, tomando nas mãos o ferro-quente - um cabo bem comprido, com uma madeira na ponta ou um sabugo de milho a protegê-lo. O ferro em ponto de brasa, marcava, de próspero, as reses recentes: as de compra e as de nascido.

O vaqueiro, no quinhão que lhe tocava (de cada cinco bezerros nascidos e criados, um para si; ou um em cada quatro; a variar, condições da terra), havia de ferrar, ele mesmo, com as mãos dele, a sorte dele. E com sua própria marca. Mas, de marca comum, no outro lado da rês, da banda esquerda, ferravam-nas, proprietário e vaqueiro, com a marca do santo, dita também da freguesia.

Conta-nos Euclides, em *Os Sertões*, sobre aquelas gentes, nós, iletrados, que sabíamos "ler" fluentemente qualquer marca de gado. Para os meninos da cidade grande: marca de gado, meu jovem, um ferro em brasa, o boi ali, subjugado; o ferro, rapidamente à perna-alta da rês, até fumacear num olor de carne-couro, chiante, queimante. Uns esturros de dor, no bicho. Passa-se-lhe, a “desinfetar”, um óleo rápido de carrapateira. É soltar... a ver criar e recriar — graças a Deus! Estas, parece, algumas notícias das mãos. Catálogos. E suas serifas. Arte. A arte dos ferros, tão vasta como a arte de decifrar o catálogo das naus dos aqueus, em Tróia, contra Tróia. E cavalos.

Reparava, meninote, na perna esquerda dos bois. Se um ***A*** ali, era de Anastácio, santo, o padroeiro de Tamboril, de lá, a rês. Um ***Q***? De Quitéria, santa, padroeira, cidade do mesmo nome, vizinhança. Um ***S***? Es-

---

* Prefácio ao livro *Recordel*, de Virgílio Maia

pere aí, meu caro, este boi é "meu" — Sebastião naturalmente; São Sebastião, «*Ó mártir de Cristo,/ ó santo varão,/ livrai-nos da peste,/ São Sebastião!*» —, janeiro, 20, padroeiro da Serra das Matas, dita outrora Vila da Telha, hoje Monsenhor Tabosa.

Os modelos da Ferrari, o catálogo de todos os filmes, o relato completo das grifes de marca, roupas de vestir — sabe-os todos, meu jovem? Pois sabíamo-los aos ferros, os nossos ferros. E berros. Um chocalho num timbre alto; outro mais soturno, outro chocalho, e outro e outro. Tropel. De galos e auroras, meu caro engenheiro. Tecem a manhã os teus galos. Tecem os bois e seus chocalhos a tarde chegante.

Arte, coisas — o catálogo das letras finamente desenhadas. Nem tão grandes a não inutilizarem o couro do animal com uma mancha exagerada; nem tão miúdas a ponto de o vaqueiro não as "ler" à média luz, de média distância. E sabíamo-las de cor, a reproduzi-las no chão com um graveto fino. E suas serifas. Arte! Aqueles pequenos rabichos que rebatem a perna do ***A*** ou repuxam um pequeno rabinho duplo na ponta baixa do ***P***. Experimente, na tela do seu computador, com a fonte *Arial*, que é um modelo tipicamente sem serifa. O ***A*** será um ***V*** de cabeça para baixo, atravessado por um garranchinho sem nenhum enfeite. Cabral. Retas. *Arial*.

A

Veja, agora, no modelo *Times*, o mesmo ***A***. Repare que no final de cada perna da letra há um rebate, um acabamento a mais, uma pequena sapata. Esse enfeite é a serifa. Rabichos. Rebatido. A proporção justa, da divisão áurea. A haste maior e seu acabamento, eis a beleza das marcas de ferrar. Catálogos. Virgílio Maia, poeta, é especialista em marcas de bois. E Socorro Torquato, a mulher dele, sabe desenhá-las em pedra & fogo. Assina-as: *Côca*.

A

Há, dentre muitos outros, o catálogo dos leites. As coisas de gerar, parir, alimentar e comprar - gado - são minhas. Coisas d'*E*la, as vasilhas impecavelmente lavadas, enxutas; os panos de coar, com uma marca vermelha, em ponto-de-cruz, serifas, o mesmo "ferro" do ferro dos bois. Coisas minhas: "espichar" os úberes (sem

aniquilar os bezerros, evidentemente), levar para dentro de casa, ao fabrico dos queijos, os baldes de leite, sempre dizendo que estão bem leves, mas em tempo de me arrebentarem o espinhaço. Dali para frente porém o traço do coalho, os utensílios, as formas de moldar, mãos, levíssimas mãos, o grau de cozimento da coalhada, estas coisas são d'*E*la, um catálogo fêmeo.

A prensagem do queijo, d'*E*la. Um rápido torque no cabo da prensa. Toque, nem por demais para não ressecar ou espatifar a massa (e perder no peso, na hora de vender), nem de menos para não azedar o produto, de tanto soro, a perder na qualidade... Sim, um apertar de braços, abraços, *E*la. Também do catálogo fêmeo, o desenformar do queijo, desembrulhando-o, alvíssimo (tomando-lhe o sal), úmido, lúbrico, uma tarefa da noite cedo. De mais um pouco, as coalhadas e suas terrinas, ceia e rezas - d'*E*la, minha. E a noite.

Levá-los, queijos, à feira; negociá-los em açúcar, querosene e alguns álcoois são coisas de minha lavra, numa tropa de burros. No cavalo mais dócil, de parelha com a burra *Faceira* comigo em cima, *E*la. Na volta, um cálice de *Imperial*. Ou do *Porto*. Sem esquecer o nome das reses. *E*la quem ajuda a escolher. *Flor do Pasto* à vaca “mais bonita do lugar”, *E*la disse. [Eu disse: *F*lor, tu!] O touro *Canário*, lhe botei este nome, aos canários de um certo alpendre. *E*la sorriu. Mas zombou que noutras casas, de alpendres e saias, havia canários. Eu disse que não seriam amarelos tanto quanto.

Ah! o catálogo das águas?! Aquele cavar, escolher onde cavar, recavar (porque tudo que um dia eu cavo, a cheia vem e entope), coisas minhas, catálogo meu. Encher os cântaros — cabaças, roupas, lajedos, moitas de melão São Caetano, perfumar as redes em sol de capim-santo... falem com *E*la, digam que fui eu que disse. Mas o fabrico da moringa de sola, dita também borracha-de-sola, curtindo antes o couro em cinza e cascas de angico... Assovelar cada uma das peças em paciência. E Arte. A arte dos couros; selas, gibões, peitorais, chinelos, inclusos os d’*E*la (com as vaquetas mais tenras); sim, estas coisas estão comigo, sempre estiveram. Botar a moringa de sola a limpar o gosto e o cheiro da sola com tantas e tantas águas, falem com *E*la. Também os canecos-de-beber, potes, jarras, bandejas, toalhas e ornatos de fino crochê; rendas e bilros; linhas brancas e de matiz.

Ainda no catálogo das águas, reparar no tempo, no "olho" dos formigueiros, "profetizar" se vai chover ou não, poupem-na. Se sabe, tal-

vez saiba, mas de puro recato, *E*la não diz. E o catálogo dos animais. Dizemos animais tão-só aos cavalos, burros e jumentos - e dalgum político malabuzado. Gado é gado! Peá-los a campo, encabrestá-los, montá-los bravios, a pulso e ordem — cavalos e burros; jumentos não, que são dóceis e calmos de natureza — não remetam a *E*la, tarefa minha, só minha.

Aos animais miúdos, patos, galinhas, pavões, perus, e os pássaros de dentro de casa — "assum-preto" — soltos, *E*la quem os dirige. Ninhos — pô-los a pôr, deitá-los, tirá-los, o primeiro xerém, falem com *E*la, por favor, que não entendo dessas artes. Espingardear os inimigos, costurá-los à faca? *E*la está inocente, mas saberá desembrulhar seus mortos.

Ia-me esquecendo, uma tarefa muito d'*E*la: fazer, em letra calma, uns papeluchos «Ave Maria concebida sem pecados, rogai por...», a apregá-los (com um grude ligeiro, de goma, feito no bico da colher, na chapa do fogão de lenha); isto mesmo, pregá-los pelo lado de dentro, em todas as portas, em todas as janelas. Também nos currais quando os bichos adoecem, nos moirões da porteira, protegendo a nós todos, brutos e viventes. Contra os de fora! Por dentro. E "esquecer" um desses papéis no fundo do bolso do meu gibão. Percebo que *E*la o troca quando o suor do rosto... mãos... papel. Um longo aboio. Amarfanhado.

Nada melhor para assustar as aves de arribação que um aboio bem longo. Ferros de bois. Hoje, os computadores e as máquinas de satélite nomeiam e rastreiam os bois. Naqueles tempos, um chocalho, uma pisada mais arisca, uma cor de pelagem, o formato dos chifres e orelhas ou, irrefreável, a marca de ferros. Desaparecemos?

Dizem que sim, tal qual os livros-copistas e seus monges foram sumindo. Também os palimpsestos. Mas o poeta Virgílio me mandou os originais deste livro embrulhados num pedaço de couro de bode, todo escrito em letra de fino traço. Como haveremos pois de sumir com todas essas coisas?!

Catálogos! O catálogo dos *Doze* - tribos e apóstolos. *Trivium* e *quatrivium*, ou, digamos... uma lista... a lista dos galos. Galos? Sim, galos, manhãs e auroras. Ou da tarde rubra (Gular), num saguão de sombras, cimento, o olho em riste, desafiante, galo-galo: — *De que me defendo*?

O catálogo das cercas. Somos terra e cercas. Daqui para frente, não! Um risco no chão e se levantam marcos. Cercas. O catálogo abrange a cerca de jangarela, dita também de rama ou de ramada; as de lombo; as de arame de três pernas mais os estacotes na vertical; as de arame com doze

fios, à prova de bodes e bacorinhos; as de fachina (de fachos, verticais, especantes) com moirões de sabiá a insultar com o tempo; mais as cercas modelo *Piauí*: quatro fios de arame por sobre uma muralha justaposta, exata, construída à eternidade com as pedras de Piracuruca, léguas e léguas, vide estrada de rodagem Altos-Campo Maior-Piripiri.

Dizem que ninguém mais sabe fazer uma muralha inca. As pedras talhadas à mão destra, justas, sem emendas, nem cimentos; ou, pelo contrário, as mãos é que já nasciam talhadas em pedra. O que fazer agora do nosso catálogo de hinos do santo padroeiro, dos desenhos das farinhadas, dos engenhos da rapadura, caieiras, tijolos, telhas, cal, piões, cumeeiras, biqueiras — o que mais, meu Deus? — se do sertão, dizem que acabou, resta apenas um juazeiro com a gente debaixo (INSS) jogando sinucas?

Não! Não e não! Quem saberá, daqui mais uns dias, no catálogo das coisas de comer, notícias de um chouriço, que era apenas um estranho doce de sangue de porco? Um doce de sangue de porco? Talvez fosse nossa herança marrana a desmentir ao mundo uma possível condição de cristãos-novos.

Lubricamente matávamos o porco: as mãos viajando no quente das vísceras... Só quem já matou é quem sabe como é. A festa, os rins do bicho, assando-os ligeiros, afogueando-os ao primeiro trago. E a matutagem, um ritual de amizades em que metade ou mais das carnes saíam gratuitas, de puro gáudio, à certeza da retribuição quando do próximo porco do vizinho.

Falemos agora da sorte. Sorte de vaqueiros, sorte de leitor. Há de ter sorte para abrir um livro. Abri-lo na página certa, no poema certo. De gostar ou não gostar. No primeiro lance, um lance de mãos. Foi assim que abri este. A esmo. O poema *As Horas do Dia*. Comecei pela *Hora Uma*:

O dia vai começando
e diante d'Ele me calo.
No seio da escuridão
se escuta assim um abalo:
toda a caatinga estremece,
pois mais parece uma prece
o primo cantar do galo.

A emoção me disse que o fechasse imediatamente. Nessa mania de achar as coisas com as mãos como sói acontecer com os cegos, reabro-o, momentos depois, bem em cima da estrofe da quinta hora, que, noutro canto, um dia, cantei (*Antífona*):

Pontualmente,
de manhã bem cedo, pontualmente:
o sol,
o galo,
a aurora,
a lufada do vento,
a manhãzinha,
o café forte,
a porta aberta.

Mais um entalo. E outro silêncio, a suspendê-lo só bem depois, para correr, na calma, o livro inteiro. Um defeito gravíssimo, a droga deste livro: é um só! Devia ser cem, um cento. Em multi. Sons. Aboios. Poeiras. Cinzas e memória. Pior é o seu autor: também único. E os juazeiros fervilhando de sinucas...

Ah, meu caro *Vergilius* — Nunes Maia ou *Publius Maro*, tanto faz —, a legitimidade do nosso canto é tão-só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não-morte; se cantamos a morte, que seja um psalmo de ressurreições.

Poeta Virgílio, creia-me, o catálogo das mãos é inesgotável porque as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre; assim tem sido.

QUADROS:

- Página inicial: logotipo do Jornal de Poesia: www.jornaldepoesia.jor.br
- Página inicial: *A Morte de César*, Jean Léon Gérôme (França, 1824-1904)
- Página 3: Soares Feitosa, dez anos
- Página 5: *Estudo das Mãos em Oração*, Albrecht Dürer, 1515-1585
- Página 6: poeta Virgílio Maia, autor de *Recordel*, 2003

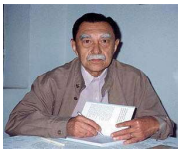
DA GENEROSIDADE DOS LEITORES

O COMENTÁRIO DE ADAIL SOBRAL, O 1º A CHEGAR.
OS DEMAIS, EM ORDEM ALFABÉTICA.
ALGUNS, SUCESSIVAS FORMATAÇÕES DO COMPUTADOR, PERDI-OS.
SE O SEU NÃO ESTÁ, REENVIE-O, POR OBSÉQUIO.
E SE QUISER COMENTAR, REMETA, POR FAVOR:
JORNALDEPOESIA@HOTMAIL.COM

ADAIL SOBRAL: Enumeração borgiana, construção cabralina, vertigem do frontispício de *O Nome da Rosa*, em que a descrição em palavras tem mais vigor, nestes tempos de desatenção, do que a vaga imagem do filme. Percorro maravilhado o inventário do impossível. Prefácio intermetalingüístico-leitura-pessoal-coletiva, vertigem. Gado é gado, mas vaca é flor e boi é canário. Listas e listas, correntes listas, em lista de *Web*. A alta tecnologia traz do "mato" a estranheza a quem não viu as personagens que desfilam em Virgílio e Soares, e evoca, para quem viu, o embate anti-antigonal, pró geração, pois, num prefácio de *griffe*, de marca, de bois, de poesia, de amor. Há esperança. Adail

ALCIR PÉCORA: Caro Soares Feitosa, acabo de receber o Jornal de Poesia com o seu prefácio do livro de Virgílio Maia, que infelizmente não conhecia. Sorte que há gente como você aplicada a destruir ignorâncias. Obrigado. Alcir.

ADELINO BRANDÃO: Caro amigo Soares Feitosa, rRecebi e agradeço o seu Catálogos & Estudos - Mãos, Edições Cururu. É de arreglar os olhos de puro espanto, ver como você sabe fazer as coisas. Parabéns! Obrigado. Continue em frente. Eu também conheço muitos sapos barbudos que pulam daqui, pulam dali, roncam e coaxam muito mas não vão além do charco. E quando se agarram a uma pedra, não a largam nem mortos. É o mundo. Quem nasceu para sapo, não chega a andorinha. Continuo gostando de sua poética e espero receber sempre suas notícias. Um grande abraço deste seu irmão mais velho, Adelino Brandão.



ADELAIDE LESSA: Soares Feitosa, poeta comovido e comovente/ Passei noites no campo ouvindo o bezerro desmamado./ Bebi leite quente do ubre da vaca madrugadora./ Queijo é meu companheiro a qualquer e, se não houver, coalhada. Quem lava meu filtro de água, repassada no carvão, sou eu./ Em menina, dei milho a galos e galinhas do alto de um pé de louro./ Sempre estampei versos em portas, janelas, armários, malas de viagem/ Além de colecionar poesia dos outros./ Ainda agora rezo de mãos postas./ Mãos de mulher, ativas e contemplativas, comovem,/ Se as contemplar quando vivas, com uma lágrima no canto do olho,/ e depois, nos retratos de bisavós, avós e mães falecidas, comovem./ Suavizam os corações pensantes./ Vivamente agradeço por seu estudo das mãos/ d'Ela, mulher-mulher comoção. Adelaide Lessa

ALBERTUS MARQUES: Meu caro Soares Feitosa, obrigado pelo envio do teu "Estudos & Catálogos – Mãos", texto que é prefácio do livro "Recordel", de Virgílio Maia. Depois de muitas leituras, e enormes e profundas observações, a gente pensa, e com razão, que já leu tudo que podia ser bom, e já viu tanto que, no mundo de todos os mundos de cada um, nada há mais o que destacar. Mas aí nos chega esse "Estudos & Catálogos", e todas as criações, já criadas, ficam devendo ainda um pouco muito, em termos de con-

tados, todos os sentimentos ficam sombreados pelo sentir forte de quem narra, e qualquer escrita fica comparada a menor, diante dessa autenticidade. Sabe, Feitosa, todas as letras já estão mais do que conhecidas, pois é com elas que se gravam as palavras do nosso pensamento, as palavras todas já existem nos dicionários, pois são veículos da composição dos sentimentos. São os poetas, que fazem de qualquer letra um significado especial; são os poetas que dão às palavras – conhecidas, um valor maior, um valor além, fazendo com que suas significações virem "significâncias" além do léxico, com o sentimento, com a arte do uso, e o emprego da beleza. Poesia. Com o "A", da marca dos bois. O "A", da marca dos bois, não uma simples letra, está uma história, às vezes, muitas histórias. É uma outra leitura, para quem a sabe ler, e um tanto de vivência – muito especial -, um universo de "coisas" naturais, que se juntam, se conjugam, se completam. Mas elas existem porque existem, e muita gente nem sabe. É preciso que alguém fale delas, mas tem que ser alguém que bem as entenda, e que esteja bem enquadrado, nesse mundo. E mesmo assim, se disser só, fica tudo parecendo pouco. É preciso alguém, que diga mais que o comum, que traduza esse comum para sua importância. É preciso um poeta. Um poeta narrador. De vaca mais bonita, ao touro nomeado. Ferros de bois. E quem sabe das coisas, conhece os catálogos. Dos ferros, das águas, o catálogo dos leites. Coisas especiais, de queijos e coalhadas, seu fabrico, seus cuidados. Sua arte. A arte dos couros, o catálogo das cercas ("somos terras e cercas"). E as mãos? As mãos que fazem, que dominam, que acessam, que distribuem seus cumprimentos. Mãos de tarefas. Como diz Feitosa, é um catálogo inesgotável e a poesia, a poesia de todas as coisas, em todas as coisas. A poesia de todas as mãos, de autenticidade de um Soares Feitosa. As coisas sempre foram, mas só as conhecemos quando alguém fala delas. Nos seus catálogos infinitos. Com a arte de dizer. Essas mãos sempre se encontram, pois a poesia viaja qualquer distância, nos sentimentos ditados por um poeta. E os dizeres têm os seus catálogos; catálogos de beleza, de poesia. Que Soares Feitosa conhece bem, quando diz "o mel não pode ser por demais espesso, nem muito fino, nem a farinha, peneirada, ou por demais caroçuda". Parabéns, Soares Feitosa, por toda essa poesia feita escrita, parabéns por essa exposição de autenticidade. Parabéns por esse "Estudos & Catálogos – Mãos" tão no ponto.

pelas minhas mãos
passam poeiras intencionais;
nelas
sinto os pés
de outros quens,
suas gotas de suor

é satisfação
pingar-me sobre eles;
sinto mãos nas minhas mãos;
sujas de terras,
limpas de terra.

Um abraço do Albertus.

ALFREDO FRESSIA: Obrigadíssimo, Feitosa, por esse texto belo, muito belo. Tem muito de épico, especialmente de homérico, sim, nessas enumerações. Valeu a pena você fazer essa edição, o texto a merecia. Parabéns, amigo. Alfredo

ÁLVARO CEIÇA NEVES: Feitosa, um bater de coração primordial, semelhante a uma batida dentro do útero, apoderou-se quando recebi castanho envelope e dobrado na minha caixa de correio. Estudos & Catálogos - Mãos - impressionado. A poeira e a fadiga do gado transportaram-me para um planalto de origens - carne-couro a chocalhar dentro de mim. Mãos. Mãos como vasilhas abertas à criação! Tudo parece tão perfeito assim. A questão da serifa não deixa de ser menos inquietante - existirá a desejada sapata debaixo de

cada um de nós? Mas, sobretudo, fica a promessa de um Recordel anunciado, espero! No final, a renovação é sempre a continuação no ciclo pródigo da vida - "as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre; assim tem sido." Lembra-me a infância da amizade pura, mãos ensinando amor... Um convite - Edições Cururu... Teria todo o gosto em participar, diga-me se, caso tenha lido Hidra, gostaria de a ver publicada em Cururu? Abraço grato, Álvaro

AMÉLIA MARCIONILA: Para o grande escritor Soares Feitosa. Que texto afinado! Que beleza de prosa! Fez-me lembrar infância, o "Ele", o "Ela", o "dia de matar o porco", vivências minhas... Ao lê-lo viajei em emoção: pisei a terra, chão de Minas, vi o sol, o mato, o cheiro de choupana de colono, a água de mina, a reza no cruzeiro, a alegria de folia em apresentação na Fazenda Santana, do meu avô Mário Rapôso. O seu texto, na verdade, tem gosto de café de rapadura (que nunca me esquecerei), tem o aroma da rainha-da-noite, em floradas, em noites de lua, como tem os matizes de uma alvorada nas Alterosas. Li-o numa tarde morna de domingo, nas Gerais, circulada por montanhas misteriosas e protetoras... Deu-me vontade de subir no Pico da Bandeira e lê-lo em alta voz para que todo o Brasil me ouvisse. Obrigada pelo presente, Soares Feitosa. Ele deveria sim, ser lido, relido, divulgado, publicado, comentado e, sobretudo, sentido e saboreado! Aqui, tão longe, às margens do Paraiba do Sul fico a meditar os mistérios dessa nossa linguagem brasileira e a grandeza dessa nossa abençoada terra. Na minha mineirice-nordestina posso dizer que temos um só coração literário quando me encanto com os seus gemidos de escritor nato, albatroz da caatinga, a me premiar com tanta riqueza. Agradeço "Estudos & Catálogos - Mãos. Continue a me enviar suas maravilhas. Conta-me como faço para adquirir Recordel, de Virgílio Maia. Abraços. Amélia Marcionila

ANA BEHRENS: Obrigada pelo texto. Estranho foi tê-lo encontrado junto à notícia da morte da Hilda Hilst. Não é estranho que assim mesmo, eu tenha sorrido com a tua prosa deliciosa e poética. Há uma usina elétrica em teus textos, Francisco. Teus parágrafos são fios de energia que tomam a direção da tomada dos olhos. As luzes acesas. Beijos, Ana

ANA CABRERA: Caríssimo sr. Feitosa, mas que coisa, hein? Aquilo que finge ser catálogo de miudezas, percebidas e por descobrir, é na verdade fórmula de encantamento, dessas que pegam de tal jeito que o coração fica grudado, feito passarinho em visgo. Mas olha (posso usar o tu, não é?), em 1975, Borges, o Argentino, fez publicar um livro só de Prólogos, lembras? E ali havia ainda um "prólogo de prólogos", sugerindo uma cadeia ad infinitum. Pois é... Fiquei aqui imaginando uma coletânea de teus Prólogos - esses catálogos tão substanciosos e viscerais. Que tal? Um grande abraço. Ana

ANA CAROLINA ELIAS PEDRETTI: Olá Soares! Fiquei surpresa ao chegar em casa após uma viagem e encontrar um envelope seu. E fiquei mais surpresa ainda ao ler o conteúdo! Conforme lia, podia sentir o cheiro dos bois, da terra e do mato! Mais uma vez pude perceber que eu ainda tenho muito o que aprender para me tornar uma boa escritora! Muito obrigada por ter me mandado sua obra e parabéns pelo seu ótimo trabalho! Ana Carolina

ANDERSON BRAGA HORTA: Meu caro SF: Seu prefácio ao Recordel de Virgílio Maia é inventivo, é poético, é rico em virtudes intrínsecas, além da virtude primacialmente desejável — mas nem sempre encontrável nos prefácios —, que é a de atiçar o interesse do leitor no livro apresentado. Meu abraço. Anderson

ANDRÉ SEFFRIN: Meu caro Feitosa: Estudos & Catálogos — Mãos não é prefácio, é obra autônoma. Para quem navega nas águas de um Euclides da Cunha, de um Raul Pompéia, de um Guimarães Rosa, de um Pedro Nava. Feliz mesmo é o Virgílio Maia que pode juntar ao seu livro um outro livro de poeta. Prefácio? Uma leitura apaixonante e inesquecível. Parabéns e o melhor dos abraços, com tudo de bom para 2004, do seu amigo André.

ANDREA CRISTINA LOPES: Caríssimo Soares Feitosa: Estava ansiosa pela chegada dos "papé" que em e-mail você havia antecipado que chegariam. Cumprimento-lhe pela riqueza do material recebido. Confesso que viajei à minha infância. Revi cenas mágicas já esquecidas com a correria dos dias atuais. A lida com o gado, os queijos sendo prensados e a matança dos porcos. Só se viam crianças saindo pela vizinhança oferecendo pequenas porções da carne do bicho, costume local, que mais tarde seria retribuído da mesma forma. Agradeço imensamente a gentileza do envio dos "papé". Não posso expressar a satisfação em receber a dedicatória na capa à mão. Poeta, eu? Quem dera! Nada sou diante de tão grandes mestres e, ainda assim, em minha enorme falta de conhecimento e vivência, mas não restrita paixão pela Literatura (especialmente a poesia), sentime profundamente entusiasmada. Li e reli para ter certeza. O prefácio está maravilhoso, (cadê o livro) ele provoca um conjunto de sensações sinestésicas que surpreende, são muitas imagens poéticas ao mesmo tempo. Você domina o mundo das palavras (conheço uma parte da sua poesia), prende definitivamente o leitor que vai se inserindo psicologicamente no texto e ao final resta a sensação de uma viagem fantástica e prazerosa. Gostaria de unir-me aos demais na homenagem ao grande Poeta Ascendino Leite, felicitando-o pelos seus noventa anos, quem me dera chegar a essa idade, principalmente com um tiquinho assim da bagagem que ele tem, no entanto quero também prestar minha homenagem a você pela brilhante iniciativa de Estudos & Catálogos - Mãos e Jornal da Poesia onde eu agraciadamente te descobri. Um grande abraço e sinceros Parabéns. Andrea Cristina Lopes - Araucária - Paraná

ANDRÉA SANTOS: Caro Soares Feitosa, que tenhas um 2004 cheio de realizações! Bem... Li e reli as voltas do gado, das letras, dos sinônimos à moda céltica – mas sem as obscuridades, entretanto com a profundeza do homem de letras que és. Seus jogos de palavras me impressionam, afinal é só um prefácio, e a composição "cava" e "recava" com "Ela" a curiosidade catingueira, as emoções que em algumas ocasiões somente as mãos podem nos dar. Estudos e Catálogos – Mãos chegaram-me em boa hora, pois pude catalogar com as minhas mãos a inexaurível fascinação pelas criações alheias e minhas. Obrigada pela surpresa e vos confesso: espero mais!! Andréa Santos.

ANTERO BARBOSA: Poeta Soares Feitosa, conforme prometido, venho aqui hoje para falar um pouco e informalmente de seus textos. Sem qualquer intuito de contrabalançar a generosidade que tem tido comigo. Faço-o voluntariamente e por merecimento. Apreciei seus prefácios, em especial o que tem por título "Estudos & Catálogos - Mãos". Estamos demasiado cansados de prefácios técnicos, recorrendo abusivamente a linguística, a teorias da literatura, a citações massivas, a tudo isso. É refrescante ler um prefácio não técnico, coloquial, didáctico e que envolve o leitor nos adornos de uma "estória". Excelente. De seus poemas eu diria que são todos óptimos. Não cabe aqui espaço para falar de todos, nem esse é o objectivo. Já havia lido al-

guns no JP com agrado e emoção. Porque em tudo na vida há lugar a síntese e gosto pessoal, falarei apenas de dois: "Réquiem em sol da tarde" e "Femina". Apesar da distância, das vivências, das gerações que nos separam aos dois, apesar do substracto semântico e cognitivo que nos distinguem, por vezes é possível a aproximação e a osmose. É o que acontece com "Réquiem", que me lembra e integra em sítios e situações de minha vida, onde a nostalgia e a emoção são rigorosamente iguais às suas. Neste caso, percutida de si para mim. "Réquiem" apela ao conteúdo, "Femina " apela à forma. Literariamente é, para mim, o melhor de todos, quase que não foi escrito mas já existia. De facto, o encaixe demasiado perfeito das palavras e a musicalidade que dali se ergue estabelece o tipo de poema que eu diria ter chegado por intercedência de poder divino. Abraços, Antero.

ANTÔNIO CARLOS SECCHIN: Caro Soares Feitosa: obrigado pelos textos de Mãos, em especial seu belo prefácio, com direito ao "retrato do artista quando jovem"! Parabéns! Você, de fato, pôs "mãos à obra", e Virgílio deve ter ficado muito contente. Um grande abraço e os votos de um feliz 2004 do Secchin.

ANTÔNIO LAURI DE OLIVEIRA: ESTUDOS & CATÁLOGOS-MÃOS. Deliciei-me com a leitura desse prefácio. Deliciei-me com a beleza da engenharia literária, com a escolha das palavras, com a descrição da marcação do gado, com os nomes das pessoas. Deliciei-me especialmente com a maneira como você falou das comidas, do "doce de sangue de porco", o chouriço. Que maravilha é o chouriço! Depois do chouriço, você me fala do mel de engenho com farinha. Coisa dos Deuses. Que bom, poeta, foi ler esse belo prefácio que você escreveu para seu amigo(suponho) Virgilio Maia. Eu, no lugar de Virgilio, estaria muito feliz, por esse presente tão generoso. E certamente ele está. Como disse um dos que escreveram a você (eu li todos, incluindo o econômico Affonso Romano de Sant'Ann-Valeu! ars-), seu prefácio é uma peça literária. E vou mais longe. Acho que esse prefácio tem vida própria. Parabéns por seu trabalho, por suas palavras, por sua poesia. Obrigado pelo "papé". Grande abraço, Lauri

ANTÔNIO MARIANO DE LIMA: Soares, li com prazer seu prefácio ao Recordel, novo livro do poeta cearense Virgílio Maia. É um exemplo curioso de como se pode construir um texto com identidade própria, que funcionaria independente da obra da qual é intertexto. Tem estilo, tem alma, respira mesmo. Que a velha academia comece a beber também em mostras de leitura como estas. O prefácio cumpre também o importante papel que é o de provocar o interesse do leitor sobre a obra que apresenta. Onde posso encontrar o livro? Um forte abraço, muita poesia, parabéns ao poeta prefaciado e ao prefaciador. Antônio Mariano

ASCENDINO LEITE: Mestre Soares Feitosa, poeta,Você me retirou, por audaciosos inventos, da cova "sadhâmica" em que me tem metido a velhice avançada. Não estou pasmo. Estou ferrado. Grande feito! Precisei viver tanto para merecê-lo. Depois de ter examinado várias crateras roseanas, vi que você é um mestre ousado e pode passar da invenção das coisas com retumbante êxito. Gratíssimo. Ascendino - 6.1.2004

PS: Pergunto a Soares Feitosa: quem é Conceição Paranhos? Soares, repito: quero saber quem é essa Conceição eclética! Professora, Literata, Ensaísta, Crítica de ofício? Fã ou tiete pedindo novo Sagarana para formar novo triunfalismo sobre nosso idioma agonizante?! Muito mais que tudo isso, estou sentindo uma pessoa sábia, uma escritora admirável!

Nota do Editor: Ascendino, à época desse escrito, quase noventa

(21.6.1915), um entusiasmo de adolescente. Deixou-nos, aos 95, em plena atividade literária, em 13.6.2010. Foi uma pena não ter ido conhecê-lo. Veja neste arquivo a viagem a visitá-lo: http://www.jornaldepoesia.jor.br/Francisco204.html

ASTRID CABRAL: Meu caro Soares Feitosa, que bom receber um presente vindo de você! Li com extremo deleite Estudos & Catálogos — Mãos. Além de bom poeta, você é um prosador primoroso. Tem raro domínio linguístico e o olhar voltado para o essdencial telúrico, tão ameaçado pela abusiva urbanização do Brasil contemporâneo. Para mim esse mundo rural do Nordeste arcaico é fascinante, e o retrato que você em poucas páginas nos dá é conciso e perfeito. Se vivo, Mário Andrade bateria palmas. Ao produzir literatura da melhor, você também faz sociologia. Pergunto: Emile Durkheim, ao tratar da divisão do trabalho, examinou com tanta argúcia esses dois universos distintos onde atuam as mãos do homem e as mãos da mulher? Se examinou, certamente não se valeu da linguagem literária, pois esta é que "ferra" para sempre a lembrança. O prefácio alvoroça seus leitores para conhecer o Virgílio cearense, manusear-lhe as novas geórgicas. Astrid

AUGUSTO BARBOSA COURA NETO: Prezado Soares Feitosa, sensibilizado agradeço a remssa de Estudos & Catálogos - Mãos, que veio me enriquecer intelectualmente. Confesso que meu dia frio foi aquecido pela esperança de tê-lo como amigo e paredro, para conhecimento melhor da literatura nordestina, que muito aprecio. O prefácio sobre o livro Recordel, de Virgílio Maia, foi deveras enriquecedor. Senti invadir em mim uma gama intensa de saudades, pois eu nasci no interior de Minas Gerais (Ponte Nova), ou melhor, na roça, como diz o mineiro que não nasce na cidade, tendo a cidade apenas como referência no registro de nascimento. Assim pude penetrar de coração no âmago e vivência do que o nobre amigo prefaciou. Quero parabenizá-lo também pelo Joelhos & Mel. Na minha infância muitas vezes dosei erradamente o mel e a farinha (eu era muito arado). Esperando a sua amizade, ainda que por epístolas, despeço-me com um forte abraço. Augusto Barbosa Coura Neto

AURA REGINA SORRENTINO: Caro Poeta Soares Feitosa, Que alegria foi para mim receber o Estudos & Catálogos - Mãos impresso em papel, poder tocá-lo com meus dedos sentir a textura e cheiro, poder carrega-lo para todo canto, adoro mexer em papel, quanto ao seu prefácio, que texto maravilhoso,que fluência que você tem, e que prazer foi poder viajar pela sua mente nesse espaço do nordeste que só conheço via autores e muito pouco por turismo. Adorei receber também Da caixa postal aos corrós de açude. Que linda homenagem fizeste ao Poeta Ascendino Leite! Obrigada por tua generosidade ao enviar-me tão lindos presentes. Um abraço, Aura Regina Sorrentino

BERNADETTE LYRA: [...] e já que desatei a escrever na lista (a vinda pra Sampa faz dessas coisas comigo: fico louca pra fazer contato com as pessoas!), digo que já li o papé do Soares. Deslumbramento! Sou fã de carteirinha desse senhor e até sonho com ele (às vezes, arrodeado de cabras, bezerros e demais bichins e de chapéu de couro; às vezes de terno e gravata, folheando um ror de leis e petições e mais quejandos)! Bem, caro escritor e amigo, vou lhe enviar uma orrespondência em separado, para seu endereço postal. Assim, aproveito e mando um livrinho meu, coisinha pouca, nonada, de frente a seu traquejo com as palavras. Bernadette, a boquiaberta.

CARLOS FELIPE MOISÉS: Caríssimo Feitosa: Perdoe-me a demora em responder. Estive umas semanas fora, tentando recarregar as baterias e, logo em seguida, foi o início do ano letivo, afobado e conturbado como sempre (as pobres velhas baterias já estão quase descarregadas)... E sou-lhe grato, também, pela riqueza e o vigor do Estudos & Catálogos – Mãos. (O Virgílio Maia – mande-lhe, por favor, meus cumprimentos – deve estar pra lá de feliz com o magnífico prefácio.) Sinto que, nesse texto, você domou todos os potros selvagens da sua fala, a fim de que eles possam, paradoxalmente, correr livres e soltos. É a "paixão medida", de que fala o Drummond, aquela fusão paradoxal, acima referida – ambição de todo escritor. Caso eu não tenha sido tocado por alguns temas e subtemas que me são especialmente caros, acho que você o conseguiu, mais do que nas realizações anteriores que cheguei a ler. Receba o forte, forte abraço do Carlos Felipe

CARLOS GILDEMAR PONTES. Prefácio pai d'égua. Nós, urbanóides viciados em técnica e moleza, engordamos nossos corpo e mente diante da TV e do computador. Tudo bem! Ficamos informados e não precisamos ir ao supermercado-capital para escolher a cor da lua. Na aldeia global o sinal de fumaça nos previne ou nos aniquila. Vimos estupefatos o 11 de setembro de transformar em pesadelo digital, vimos um menino iraniano de corpo e cabeça, e só, ceifado de pernas e braços pelas bombas estúpidas do inteligente Bush ou o contrário dá no mesmo. Agora vai para o reformatório sacrossanto do capitalismo em algum hospital livrar-se do pesadelo: vão lhe botar pernas novas, braços novos, pés e mãos novinhos e vão substituir sua memória e seu olhar por fotografias, aos poucos seu cérebro será substituído por um chip minúsculo e ele verterá lágrimas de óleo singer, até que um curto-circuito lhe mostre o mundo que perdeu. do horror ao estupor vamos arquivando nossas relações de amor e megabytes. Sou do tipo urbanóide, litorâneo e escolarizado. Lei e escrevo para não morrer de tédio ou para deixar outros mundos de herança para minhas filhas. Mundos como os que pude ver e sentir na minha infância. Sorte minha meus pais terem nascido na Serra do Baturité, Mulungu, Catolé, Trapiá, Riacho do Meio et adjacências. E o vovô tinha uma moagem na Serras e uma fazendinha no Canindé, Caridadade, Camarão, lugares bem pertinho do paraíso. Pude com isso saber das coisas do mato, dos cheiros da autora, das cores que inverno deixa quando parte e não se sabe se volta tão cedo. Bois e cavalos, jegues e cachorros, gatos e galinhas, perus e bodes, leite mungido, pão de milho, panqueca, jerimum amassado ao leite, coalhada, canjica, arroz doce, pamonha, fubá, manga rosa, sapoti, siriguela, estia gosto de tudo isso na boca! Dizem que os velhos costumam esquecer o passado há-pouco e lembrar do passado remoto, na infância. Antecipei um dia desses a lembrança de velho. Escondi-me nas locas de pedra, espreitando passarinhos de baladeira estirada. Pei!, lá se foi uma rolinha. Corre, que a corre-campo vem aí doida por uma perna de menino. E nós, a primarada, afobada batendo o pé na bunda de tanto correr. A vovó gritava de longe «Chico, deixa de fazer medo a esses meninos!» Ela nem sabia que era de vera. Tudo isso escorreu sobre mim quando li o prefácio de Soares Feitosa para o livro de Virgílio Maia. Eita prefácio pai d'égua! Aí lembrei do que disse um desses críticos enfastiados. Tem prefácio que é melhor do que a obra. Ora, um e outro são uma coisa só, senão o autor não pedia ao amigo que o apresentasse. E todos nós temos os nossos pares de prefácio e escolhemos os livros que queremos prefaciar. Aposto que o Virgílio Maia ficou feliz e o Soares ficou orgulhoso. Eu fiquei aqui com uma pontinha de inveja saudável, que se cura sem doer nem fazer mal, porque conheço os dois. Talentos, têm de sobra. E boa literatura é talento agregado a uma dosesinha de

inspiração. Eita prefácio pai d'égua! Gildemar

CARLOS HERCULANO LOPES: Caro Feitosa, muito obrigado pelo Estudos & Catálogos — Mãos, que li com o maior interesse. Precisamos sempre de gente assim, com sua garra, para manter sempre aceso o pavio da poesia. O Ceará nunca falha. Um grande abraço e parabéns. Carlos Herculano Lopes, BH/jan/2004

CARLOS NEJAR: Poeta-Amigo Soares Feitosa: Há muito devote mais de uma palavra. Desde antes de nosso encontro fraterno em Salvador. Quero abraçar-te, comovido, pelo fulgor e inventividade do teu prefácio ao admirável Virgílio Maia (conheço-o de outro livro, não deste). O prefácio é um poema de belíssima feitura, com o estalo e o catálogo do sertão, o que fica: coração aprumado na luz. Parabéns pelo trabalho pioneiro e maravilhoso de divulgador de poesia na internet: operário inumerável da palavra. Despertei tarde a este veículo, cada dia mais útil. Foi-me uma espécie de retardança de progresso, ao contrário do que sou na linguagem. Aliás, mandar-te-ei alguma coisa minha. Seu irmão pampeano, o Carlos Nejar

CIDA SEPÚLVEDA: Poeta, recebi "Estudos e Catálogos - Mãos". Impressionante como você consegue aglutinar tanta gente em torno da poesia. Para mim, que tantas vezes me sinto à deriva (enquanto poeta), é um alento entrar em contato com este planeta cujo sol é você. Desejo que a editora Cururu tenha papel tão relevante para divulgação da literatura produzida aqui e agora quanto o tem o Jornal da Poesia na internet. Sua linguagem se constrói em camadas de concreto e sonho, traçadas e trançadas duro. Concreto é o substrato humano que aduba o Sonho – desejo de poetar. Dá-se então, uma reação química cujo produto é uma joia delicada e complexa que embeleza o trágico e dele se extrai. Ao tentar explorá-la, me perco em suas formações rochosas e luzes multicores. E me deleito qual criança a olhar as nuvens que correm céu, ao léu, véus de noiva, tensões de águas vivas. Sim, poeta, escrevamos, não há outro sentido agora! E espero para breve um livro seu, não eletrônico, que se possa carregar na bolsa, ler na cama, sentir o corpo adensado pela mágica linguagem - a poesia. Carinhosamente, Cida Sepulveda

CLÁUDIO AGUIAR: Meu caro Soares Feitosa, agradeço a remessa de Estudos & Catálogos — Mãos, pelo que deduzi, prefácio a livro do nosso querido amigo Virgílio Maia. Há na sua lavra aquele rumor poético que ultrapassa a delimitação dos gêneros que parece prescindir da forma, porque se apresenta pura, cristalina, gerando emoções ambivalentes e plúrimas. Obrigado pela lembrança. Um própero 2004! Abraça-o Cláudio Aguiar

CLEBERTON SANTOS: Caro poeta Soares Feitosa. Saudações e muita saúde! Espero que esta encontre-o em plena força criativa. Seu prefácio ao Recordel, de Virgílio Maia, Estudos & Catálogos - Mãos, é no mínimo "interessantíssimo". Para mim soou como um longo aboio da memória (sua/minha). Através do seu outro texto, Da caixa postal aos corrós de açude - uma visita ao poeta Ascendino Leite, despertei para uma futura leitura desse poeta, o Ascendino. No mais, os projetos continuam. Arte! Sempre. Um fraternal abraço do Cleberton Santos

CLOTILDE TAVARES: Caro amigo, Recebi seu Estudos & Catálogos — Mãos, que li enlevada. Imagine que estou escrevendo as antigas histórias da minha família, passadas no meio de fazendas, criação de gado, essas coisas das quais você fala... A leitura caiu como água em terra seca. A delicadeza do "Ele" e do "Ela"... Obrigada por ter enviado essa preciosidade pelo Correio. Fico sua devedora. Clotilde

CRISTIANE FRANÇA: Caro Soares. Sorte? "Há de ter sorte para abrir um livro. Abrindo-o na página certa, no poema certo." O que há em mim que pediu encontrar a poesia? Desafiamos por vezes a sorte... Poema certo, lugar incerto... Segure o vento... Segure o vento... Minha querida sobrinha de pouco mais de um ano, aperta os olhinhos de estrela e estica a mão pequenina: em deleite apodera-se! Chama-se Beatriz, igual a de Dante. Recebi sua lembrança no dia de hoje. Estou segurando o vento, página 7, chama-se página 7. Parei um pouquinho para agradecer sua delicadeza em soprar na minha direção «o sol, o galo, a lufada de vento...» Pensei agora como é bela a escrita não virtual. Algumas palavras, uma assinatura... O texto enviado torna-se magnífico com o desenho das letras feito pela tinta da caneta. Obrigada, pelo cuidado do gesto. Agora sou eu quem sopra em sua direção:

Ladeando o desequilíbrio e a normalidade.
Não sou feita de nenhum destes mundos.
Não é a loucura, não é a adaptação que me
[inscrevem.
Meu ser é a improbabilidade, a indefinição.
É sentido da intuição mais pura.
É a vida levando a si.
A alma sem o corpo.
A paixão sem a razão.
O amor pelo amor.
Se me fez de tal forma,
Sustenta-me ou salva-me!
És ou não o Deus da misericórdia?

Um abraço,
Cristiane França.

DAVID MEDEIROS OLIVEIRA: Caro Poeta, Quedou-se reforçada a minha primeira impressão, de quando li "Adoles-cíamos": suas palavras são imagens, são como um roteiro. Prova? São várias: as ferradas nos bois, o fumacear das marcas, os catálogos, as marcas, os "as" em times e arial... os catálogos. Lê-lo, Feitosa, é como viajar. Seu estilo: roteirista; suas palavras: movimentos... ah, os cavares e recavares de nossa vida! Visualmente, um detalhe que me impressionou (e como vc me impressiona!): as fotos. Sua foto jovem, no início, e a de Virgílio, ainda novo, mas atual, no fim do texto. O catálogo das letras desenhadas no couro de outrora, e o catálogo das grifes de hoje; as marcas nos bois, as letras no PC. Indago: basta a viagem no espaço? Não, a viagem é no tempo. Forte abraço, David

DEISE ASSUMPÇÃO: Caro Soares Feitosa: Muito gostoso chegar em casa e encontrar o "Jornal de Poesia" versão papel. Tem outro sabor. Obrigada. Tomo a liberdade de fazer duas considerações sobre seu Estudos & Catálogos - Mãos, mesmo correndo o risco de ser repetitiva frente aos inúmeros comentários já elencados. A agilidade da linguagem atrai o leitor, mas isso é apenas juro sobressalente. Rende mesmo é a crítica forte sem ser pesada, ironia lírica. O texto salta dos ferros em brasa, com direito a um passeio n'Os Sertões de Euclides e pelas orações populares, para "os meninos da cidade grande". E quando a diferença entre os mundos se insinua e parece estabelecer juízo de valor e enveredar para o tão decantado saudosismo dos tempos e lugares idos, essa agilidade aproxima-os. A crítica não se faz opondo-os, mas aproximando-os inesperadamente pela via estética. No jogo entre as marcas de bois e o times e o arial, os dois mundos colocam-se em pé de igualdade. O lirismo toma conta do texto num outro jogo: masculino versus feminino. Mais uma vez é a linguagem que mostra a diferença homem-mulher, valorizando um e outro. Derruba num passe poético ma-

chismos e feminismos. Lembrou-me Eça no conto Adão e Eva no paraíso, quando a narrativa vai justamente mostrando a função do homem e da mulher na formação do humano. E os "papeluchos" de oração em "letra calma"? Você os escolheu para fechar o rol das funções da mulher. Lembrou-me a Otacília, de Riobaldo. Bem, fiquemos por aqui. E aguardemos novas surpresas como Estudos & Catálogos - Mãos. Um abraço. Deise

DIMAS MACEDO: Meu caro Soares Feitosa. Estudos & Catálogos — Mãos é um texto para matar. Clássico, bom gosto de marca literária e de estilo. Erudito. Feito léguas de memórias e de crença na ancestralidade edificante. E mais: sem reticências. Dimas

DOMI CHIRONGO: Estimado Soares Feitosa, Recebi o abraço em forma de mundo e o convite que não sei se mereço. Sim, o que recebi é mais do que um envelope do JP com um belíssimo prefácio do livro Recordel. É mais do que comentários de intelectuais que já devia conhecer (Confesso aqui a minha ignorância). É mais do que homenagem ao poeta Ascendino Leite... O que recebí há dias transcende a minha imaginação. Foi por isso que demorei reagir. Caro Soares, o seu gesto de me mostrar um pouco do universo literário a que pertence transforma-se em solidariedade com uma forte carga de criatividade indescritível. Até aqui estou confuso. Ainda não sei se devo responder. Por isso me desculpe a eventual incoerência no conteúdo. É que na verdade recebí um universo em minha casa. Imaginem um universo "invadindo" uma moradia! Estou ainda perplexo e tentando me restabelecer. Repare que sempre estive distante, as vezes electronicamente perto. Mas quando o imaginado começa ser real logo começamos a acreditar vivamente em nossos sonhos. E que seria da vida sem sonhos!... Vê, caro Feitosa, o efeito que provocou no meu horizonte idiossincrático? Não, você não pode ver. Olha, eu sou do País de Mashonguezy, do Rosa-Rosa, e tantos outros desconhecidos do Índigo. E quando me aparece uma pessoa com tamanha proeza a dar sinal de vida artística é algo para ficar sem palavras! É de pessoas com seu espírito que o mundo precisa. É de pessoas assim que a literatura necessita. É da sua criatividade que os leitores merecem. PARABÉNS!!!! Saudações Literárias. Domi Chirongo

EDIVALDO DE JESUS TEIXEIRA: Caro Soares Feitosa. Recebi Estudos & Catálogos — Mãos com surpresa e alegria. A sua poesia insere-se, efetivamente, no real. É possível perceber que sua preocupação não se restringe à matéria seca da palavra; não, supera-a, para expor com intensidade a vida e suas circunstâncias. Agradeço pela lembrança. Envio-lhe um exemplar do meu pequeno livro Das Considerações Inominadas. Edivaldo Texeira

EDNA MENEZES: Senti-me meio perdida, são palavras que gritam, ecoam, mugem e cantam canariamente. Preciso de tempo para absorver, sensação estranha essa que estou sentindo, só o velho Guima (Guimarães Rosa) fez isso comigo. Esse sempre me faz sentir-me numa densa floresta de palavras e, nesse texto... não consigo encontrar caminho, isso é uma "gravanha", diria Manoel de Barros. Acho que preciso abrir meu horizonte de leitura... Gosto disso. Abraços, Edna Menezes

EDUARDO DIATAHY B. DE MENEZES: Chico Feitosa dos sertões dos Inhamuns! Você é o demiurgo que transforma um simples prefácio num tex-

to evocativo de nossos sertões. Beleza que nos salva da neurose da Verdade, como nos ensinava Nietzsche! Abraço de felicitação para você, Virgílio e Côca. Diatahy

EDUARDO GOMES A. MACIEL: Meu Querido Amigo Feitosa! Foi com muita alegria que recebi o envelope enviado por você e mais alegria ainda quando apenas percebi o conteúdo. Daí você pode imaginar o deleite que foi lê-lo novamente. Mas aquela sua frase acerca do defeito gravíssimo do livro resenhado - o de ser um só - também me lembrou dodefeito gravíssimo da escrita: não poder, por maior que seja o gênio do escritor, trazer a presença, o magnetismo, a sonoridade de personalidade tão singular como a sua e cujo defeito reside exatamente aí, em ser único. Talvez isso explique o fato de você também conseguir reconhecer aqueles que, como você, também são únicos. Abraço saudoso do Eduardo

ÉRIKA JANE: Receber o teu presente foi como ouvir música clásssica em noite insone. Tuas palavras têm cheiro de flor de umburana e um gostinho unico de umbu! Obrigada por fortalecer a minha esperança nas letras e palavras... E espero um dia poder compartilhar os meus rabiscos com você e todos aqueles que vivem a poesia... Mais uma vez obrigada e aguardo contato. Erika Jane

Fernando Matos

O IMPOSTO DO AMOR

Para o tributarista
Soares Feitosa

Quem disse que o amor tem insumos?
Gera crédito, gera débito, afins, cofins, sem fins.
Está inscrito n'Ela, o amor é imune.
Não há medida que o modifique, o transforme,
Nem que seja provisória, MP.
O Amor não é imposto, nem posto; chega, achega-se,
Aliás está escrito na Lei d'Ele, a maior:
Amá-Lo sobre todas as coisas.
O amor não é presumido, é real,
Não pode ser medido, nem cobrado,
Não há o que ganhar, nem o que perder,
Perdões. Absolvido, remido, anistiado.
Não! Parcelado, não!
Sem outros cálculos, palavra de engenheirio
há de ser íntegro, intacto.

Madrugada de 18 de fevereiro de 2004

FOED CASTRO CHAMMA: Poeta Soares Feitosa, os moços da Padaria Espiritual seja de onde estão hão de regozijar-se com o veneno de cura das Edições Cururu e os Estudos & Catálogos - Mãos, prefácio/ensaio, que o livro de Vergílio Maia enseja, lembrando os ferros do Bode Alado de Ariano Suassuna e Guilherme da Fonte, ou Uma Burra, da Heráldica Sertaneja, em anúncio publicado no jornal "A República" de Fortaleza, Ceará, edição de 2 de novembro de 1898, e reproduzido e no nº 51 de 0 PÃO, do stesso redator-chefe Vergílio Maia... O emaranhado de etinerário de fogão de lenha, gibões e moringa de sola no "catáloga das águas" dentre outros itinerários é um convite premonitório à leitura de Recordel. Muito agradeço "ao dono, indelével, personalíssimo" esses Estudos & Catálogos - Mãos de Soares Feitosa. Sinceramente, Foed

FRANCISCO CARVALHO: Caro poeta Soares Feitosa. Não conheço Recordel, mas, pela saraivada de elogios de todos os lados, deve ser coisa de primeira. O seu prefácio. Bem, o seu prefácio é uma longa história deFrancisco Carvalho erudição esculpida na epiderme dos papiros. "Sem esforço, pode-se perceber a veracidade do que foi dito e a eloqüência do que se calou". Esta frase de Luiz Tavares Júnior sobre minha poesia aplica-se como uma luva sobre o seu arrazoado. Os depoimentos do que o leram me deixaram completamente nocauteado. Você jorra sabedoria grega e troiana por todos os "poros da semântica" (Jorge Tufic) do seu prefácio. Em certos momentos, chega-se a ter a impressão de que você escreveu um tratado sobre as origens legendárias de Tróia. Você há de convir que tudo isso é um overdose para um poeta de beira de rio,

igual a este que lhe escreve estas mal traçadas linhas. De um simples prefácio sobre coisas que dizem respeito a ferros que identificam a genealogia dos bois, você faz um ensaio ecumênico, coisa para letrados e demiurgos que foram beber sabedoria nas fontes mais remotas da cultura universal. As cartas e os artigos que fazem remissão ao seu trabalho, esses escritos são da mesma têmpera e profundidade. De tal modo que os elogios ao livro e ao dito prefácio se fundem num só núcleo.

Fico por aqui, caro poeta Soares Feitosa, pois estou com receito de escorregar nalguma casca de banana, haja vista que me sinto destituído de lastros racionais para acompanhá-lo nesta viagem altaneira pelos labirintos da transcendência. Convencido estou de que me acho entre aqueles que já "não sabem fazer uma muralha inca, sem emendas, nem cimentos". Fraterno abraço do seu admirador, Francisco Carvalho

FRANCISCOFRANCIJÉSI FIRMINO: Fiquei tão maravilhado com a sua escrita que até tive vergonha de ter-lhe mandado o que escrevi. Não quero lhe dizer nada enjoativo e que pareça demagogia, mas você me proporcionou momentos de muito prazer com a sua escrita. Francijési

FRANCISCO JOSÉ AGUIAR MOURA: Caro Soares. O sangue latino-americano que corre em minhas veias me proporciona momentos de recorrente saudade. Ora disto, ora daquilo, ora daqule(a). De repente me deu saudade do colega bentanista amigo-irmão Soares Feitosa, agradável companhia e papo não menos, e seu Jornal de Poesia. Procuro no site da Secrel e tomo um susto logo tranqüilizado pelo Google. Lá estava, no mesmo lugar, o Jornal de Poesia. Navego aleatório e encontro Um Cronômetro para picinas. Leio, releio, tresleio, entre embevecido e admirado, tentanto entender de quanto é capaz a imaginação criadora do artista. "O artista enche o mundo de beleza", tira do nada o belo; o detalhe que ninguém vê, como a pôr em pé sucessivos Colombos. Nisto a Arte! Vejo uma "lufada de vento ao contrário", "um corisco teria sido mais lerdo" e "um olhar tão doce e gentil que, imediato, lancei-lhe o perdão". E vejo que tudo é belo! No mais, como pode minha vã e comum filosofia perscrutar os miolos geniais? Telepatia, coincidência, chegando em casa noitinha, vejo um envelope e, no sobrescrito eu reconheci: É ele! O poeta, o gênio que se dignou mimar este plebou com sua Arte e, fosse pouco, ainda votos de feliz 2004. Tudo me deixando na mais comovente gratidão e lisonjeado. Retratinho de bom menino já prenunciando o gênio futuro, emoldura Estudos & Catálogos: Mãos. Sustente meu júbilo, caro amigo! Feliz 2004! Deste seu colega-betanista-amigo-irmão, que (com licença de Luia Carlos Lemos) nem aprendiz de aprendiz é. Aguiar Moura.

FRANCISCO MIGUEL DE MOURA: Meu caro poeta Soares Feitosa. Recebi seu Estudos & Catálogos - Mãos. Excelente depoimento poético de uma época e de uma linguagem que vai-se acabando entre as bugigangas da língua inglesa, agora através do computador (internet). Mas felizmente também é uma grande invenção. Você escreveu coisas que me fizeram lembras de minha mãe. Não esqueceu das cercas do Piauí. E os poemas? A gente segue sem vontade de imitá-los. Ao contrário dos outros poetas, você não permite emendas; está completo. Glória a nós enquanto o mundo não se acaba de todo. A literatura e a linguagem... Abraços. Chico Miguel

GEORGINA ALBUQUERQUE: Feitosa, Aqui estou com o maravilhoso Es-tudos e Catálogos - Mãos que me enviou. Nele, um garotinho de óculos, expressão pra lá de inteligente, me convida (ou impinge?): "Vem!...

ectuoso e agradecido

desestrutura! (e re-estrutura meio à perplexidade...)". A regionalidade da leitura que ora faço, aos poucos vai dando mostra de universalidade meio à vivência anárquica da minha grande metrópole. Não temos acesso ao gado, mas fica constatada a possibilidade de "marcar" as nossas produções com ferro em brasa. Não temos galos por aqui, mas persistem os gritos que também tecem a manhã. Basta que haja paciência para absorver o diferente através de iniciativas culturais como a sua, que tanto ampliam os nossos horizontes criativo e lingüístico. Um beijo carinhoso. Maria Georgina Albuquerque. Em tempo: Desejo ao Virgílio Maia muito sucesso com o seu "Recordel", que já dispõe de tão belo e instigante prefácio.

GILBERTO ALVES JR: Poeta Soares, Permita-me fazer uma leitura menos teórica do "papé". Além disso, vale dizer que é a leitura de alguém que não tem saudade de todas as coisas que você narrou, mas, talvez, vontade de conhecê-las algum dia. Alguém da cidade, muito da cidade. Até demais. As mãos, a forma rústica e ao mesmo tempo doce como elas são desenhadas nas suas linhas, e nas entrelinhas, ficam na mente. O couro do boi, meu avô tinha um como tapete na sala, eu me lembro bem disso. E é o único contato que eu ja tive com couro de boi. Mas o universo do qual você fala é, para mim, outro mundo, o que torna a obra muito mais interessante. Vai sendo uma descoberta atrás da outra. O único contato com queijo que eu já tive: vê-lo no supermercado, embalado. Com o leite, em caixinhas longa-vida. A impressão que dá é que a gente esquece que o leite vem da vaca, que alguém cuida da vaca, que a va-ca come pasto e tudo isso no campo. A impressão que dá é que as caixas de leite dão em arvores, e são colhidas e levadas para o supermercado. As duas histórias seriam iguais para mim; eu nunca vi uma vaca dando leite, tanto quanto nunca vi uma arvore de leite longa-vida.Assim, esse universo novo e diferente vai sendo aberto, jogado na minha cara, de uma forma que causa muita estranheza. E beleza! Eu li seu "papé" no trepidar do ônibus, na avenida Marginal do sujo Tietê, não numa rede às margens de algum rio que corra devagar e limpo. Assim, minha leitura é bem diferente da de alguém que passou pelas experiências que você conta. E se quer saber: achei tudo muito lindo. Um abraço. Gilberto Jr [da cidade]

GIZELDA MORAIS: Caro Soares, fui agraciada com o seu texto Estudos & Catálogos - Mãos, que eu encontrei em casa na volta de uma viagem de começo de ano. Foi o texto mais lindo, mais bem plasmado, que li ultimamente. A princípio pensei que fosse um conto, só depois vi que era um prefácio. É mais que um prefácio. Ah, se tivéssemos tantos prefácios assim! Você precisa escrever um romance sobre o tema. E as apreciações? Como temos gente boa neste Nordeste, neste país! Levei seu texto para o meu grupo literário, foi sucesso. Um forte abraço com todas as louvações. Gizelda Morais

GLÁUCIA LEMOS: Que saudade, meu amigo, dize-mos nós, seus amigos da Bahia, por onde o poeta passou rapidinho e deixou um cheiro gostoso de ami-zade. Felizmente faz chegar-nos, de quando em quando, um fruto de sua sensi-bilidade. Bem aventurados os que o merecem! Cururu é bicho nordestino, bicho do mato mesmo, batráquio que gosta de lagoa. O ferro e concreto das terras do Sul, o diesel e o neon e os areais salgados das "beaches" sulistas não têm cururu. Bem vindas as Edições Cururu! O bicho não mora lá, mas as Edições viajam, sim. E o prefácio, mas que prefácio, menino?! O texto todo é miolo prin-cipal, razão de ser de publicação à parte, esse que me fez revisitar um cheiro de terra molhada no receber um pé-d'água em cima da quentura do chão. Resgatou-me da infância o can-tar da chuva noturna em telhado de telha-vã feita de barro. Conto que só quem conhece é quem viveu em cida-de do Nordeste,

que a chuva não canta assim em cima de cobertura de laje. O texto, seu Soares, é mais uma impressão digital do poeta Soares Feitosa. Um coração nordestino tem o formato do mapa de toda a sua região. Altera a anatomia. Que saudade me deu de um tre-cho da infância vivido em uma capital mais nordestina que esta capital da Bahia onde nasci e que amo extre-mamente! Quem me dera retornar à Paságarda onde não sou amiga do rei, mas mereço andar pelas ruas sem o dever de me cuidar de uma possível arma me ameaçando as costelas. A gente cansa desse universo de portões e grades, e da paisagem rígida de espigões que tapam o sol e escondem as águas da baía. E pensa no mato. Por isso, um viva! Aos aboios das manhãzinhas e dos entardeceres ecoando em distâncias imensu-ráveis... apenas ecoando. Viva! ao poeta que vive tão intensamente essa sua raiz e nos faz evocar um mundo que talvez nem exista mais. E ao "Francisquinho de dez anos", que até dá vontade de carregar no colo. O instinto materno é ainda mais forte que raiz; privilégio feminino ou... sentença de servidão. Pensei em retribuir o envio do seu texto. Naturalmente haveria de ser com um texto meu. Envio-lhe Luaral, um delírio meu. Talvez uma prosa poética como disse Mário Calmon. Nada nordestino, ao contrário, de uma universalidade que impossível, por inalcançável, filho da febre em que deliramos. E um abraço, bem abração.
Gláucia Lemos

GRAÇA GRAÚNA: Poet'amigo Soares Feitosa. Congratulações pelo Estados & Catálogos — Mãos e pela fortuna crítica em torno do seu prefácio e da poesia do Virgílio Maia. Concordo com o leitor Adail Sobral que fala de Esperança à luz do seu texto. Pois bem, apesar destes tempos nus, é coisa bonita de ver e sentir a Esperança que brota de uma tríade poética/afetiva/semiótica, particularmente nas passagens em que você expressa admiração ao poeta Virgílio e à desenhista Socorro Torquato - Côca. Gosto das coisas que você rein-venta para melhorar o mundo; coisas de quem carrega no nome Ars Poética; que o diga Conceição Paranhos: "Você está crescendo mais do que um jequitibá". Também pergunto: cadê o livro do Virgílio? Nem li Recordel, mas pela leitura de Hora Uma que ilustra o seu prefácio, dá mesmo vontade de receber o sol, a aurora e o café quentinho e forte da caatinga que nos dá força no amor e na guerra. Seu Catálogos chega em boa hora. Acabo de receber um convite de Sébastien Joachim para participar em junho próximo, na UFFPE, do seminário A cidade o campo: cidadania e nomadismo. Conforme Sébastien, nesse evento será dada uma atenção especial ao índio (autor e personagem) e aos poetas — dois emblemas do nomadismo. Abordarei questões relacionadas à identidade na poesia indígena e brasileira. Citarei seu Catá-logos. Final de dezembro, de passagem pela região central do Brasil, vi muitas daquelas marcas nas quais "aprendemos a ler". É exatamente como você diz: "marca de gado, meu jovem, um ferro em brasa, o boi, ali subjugado; [um] olor de carne-couro, chiante, queimante; uns esturros de dor". No interior de Goiás conheci o Rio das Por-teiras onde ecoam esses esturros, em Tropas e boiadas, de Carvalho Ramos. Fico por aqui, carregando saudades dos sertões. Dê sempre notícias a esta sua amiga, Graça Graúna.

ILDÁSIO TAVARES. O Prefácio de Recordel: Impressiona à primeira vista o texto do prefácio de Recordel, obra do escritor Virgílo Maia, pela sua inteireza de linguagem, engendrando o que podíamos chamar de uma sadia organicidade do discurso literário — os signos, os símbolos, a imagística guardam entre si uma estrita coerência semântica, traçando o quadro geral de uma expressividade nordestina, rural (basicamente) forte e que demanda uma acurada percepção para que o leitor se deixe impregnar pelos tons, entretons e sentido geral do texto, captando a inter-relação precisa do texto com o contexto. Acresce que o

texto é bifronte. Por um lado, cumpre com perícia sua missão de portal, de um saber prévio a outro saber: a outro fazer; de prefácio. O texto de Soares Feitosa pode ser considerado como uma peça literária individual, um ensaio “tout court”. Nisto, o autor esgrime sua inteligência no profundo sentido de um ato de compreensão, ao tempo em que faz uso de todo seu potencial de arte-sania para costurar o seu discurso, estribado, sem duvidamente, numa aguda perceptibilidade dos signos que maneja, porque bem os conhece, e os distribui com plena consciência do seu lugar e de sua significabilidade no tabuleiro de uma literatura nordestina íntegra — comecei falando em inteireza e.vejam, vim a terminar neste território conceitual. É isto, Soares Feitosa, um escritor por inteiro. Ildásio Tavares

JACKSON DA SILVA LIMA: Meu caro Soares Feitosa, Recebi, há dias, Estudos & Catálogos – Mãos (Jornal de Poesia, Edições Cururu), que veio confirmar o que a profª Gizelda Morais me havia falado sobre o seu trabalho. Excelente material de divulgação literária, que encerra um esforço cultural dos mais louváveis: dá ao leitor, na bandeja, um painel variado de notícias literárias e estudos críticos sintéticos sobre escritores conterrâneos espalhados por todas as partes do território nacional, além de fornecer um expressivo álbum iconográfico. É preciso muita força de vontade e desprendimento para realizar uma tarefa de tal monta. Estou impressionado. Meus parabéns, e obrigado. Do seu mais novo admirador, Jackson da Silva Lima.

JAUMIR VALENÇA: Olá, Francisco! [...] Bem, tudo isto para dizer que demorei a ler a sua apostila mas finalmente li. E o Catálogo parece um presente que chega assim inespe-rado, do tipo "a vizinha mandou este pedaço de bolo quentinho...". Uma surpresa agradável, obrigado pelo presente. O Coronel é bastante generoso em deixar os seus cupinchas tirarem uma lasquinha da coisa toda e entrarem na brincadeira. "O catálogo é isto...", o catálogo é aquilo...". É, sim. Há uma certa ternura que permeia o pensamento ao ler aquelas páginas; vêm-me à cabeça a frase "nossos pequenos sistemas têm seus dias". Lembro daquela letra do Renato Russo, que diz "quero minha nação soberana, com espaço, nobreza e descanso". Um abraço. Jaumir

JERÔNIMO FAGUNDES DE SOUZA: Caríssimo Poeta. Já não bastava o doce de sangue de porco. Agora cantas o mel e a farinha. Passaste dos limites. Penso que, no futuro, lerei teus versos sobre as delícias do jiló. Consegues transformar o asqueroso em lírico. O revoltante em sublime. Tens o poder da palavra, de que não disponho. E, nem por isso, me farás comer pratos tão exóticos. Isso posso jurar. Mel me lembra vômito, de abelha. A farinha ataca essas paredes, já tão fraquinhas, de meu estômago. De qualquer forma, lembrei de minha infância. Ilha de Floripa, 1975. A mãe preparando o caldo de peixe e a farinha. O pirão. O caldo de feijão e a farinha de rõsca. O pirão. A cola de farinha de trigo. As figurinhas Copa 70. O pião. O Bumba-meu-Boi. O Bal e a Aninha. O bonequinho do Zorro. Nossas infâncias, pobres, se tocam em muitos sentidos. No Ceará, Floripa ou no ABC... Jerônimo.

JON TONUCCI: Caro senhor Feitosa, sou-lhe muito grato por haver recebido em casa, durante um dia costumeiro qualquer, um pacote de sentimentos tão belos como os que o senhor me enviou. Um verdadeiro apanhado da alma: lembranças dos finais de semana que passava na fazenda do meu avô. Toda a produção honra a palavra escrita, magistral e tocante. Obrigado por me proporcionar momentos de recanto e fuga: como dizia Guimarães Rosa, é nas coisas pequenas que Deus se esconde. Abraços de Minas, Jon Tonucci.

JORGE TUFIC: Recebi, ainda sob o foguetório de ontem, o Jornal de Poesia, contendo a saga introdutório de uma outra saga, esta de Virgílio Maia, encimada pelo título Recordel. Agradeço-lhe por tudo. Você tem linguagem própria, cultura sertaneja visível, ensinada com apuro. Na paisagem urbana, eu não sei recortar o Vigílio sem ter na mente um sertão de paletó e gravata. Nem de ver Soares Feitosa sem lembrar um peão da caatinga educado em Paris. Com todo o respeito, portanto, eu me curvo diante de ambos como quem se curva a um remanescente pajé das águas pretas, guardador da sabença amazônica. Meu grande abraço. Jorge Tufic

JOSÉ AUGUSTO DE CARVALHO: Francisco José Soares Feitosa é um poeta contemporâneo, brasileiro de nascimento, poeta de toda a Língua Portuguesa. Falar de Soares Feitosa, quer como poeta, quer como divulgador de outros poetas ou candidatos a poetas, é falar da Poesia. Ainda que seja um lugar comum, aqui digo que a melhor maneira de falar de Soares Feitosa é ler a sua poesia, é amar a Poesia. O Brasil, a grande Pátria Irmã deste Portugal já vestido das neves da anciania, foi e será a terra prometida dos portugueses deserdados e vergados às intempéries de uma pátria exausta e sempre adiada no objectivo de se cumprir. O povo português foi à Indía, mas não provou as especiarias; foi ao Brasil, mas nunca comprou o pão com o ouro. Esta é a verdade. Já João de Barros, nas suas décadas, no século XVI, lastimava haver nas ruas de Goa portugueses estendendo a mão à caridade. Portugal foi sempre assim! Como disse o poeta José Duro, português-alentejano como eu, falecido na última década do século XIX, «o ouro de um palácio é a fome de um casebre». A história de um povo foi sempre a história da sua classe possidente. Até quando? Como sucede com a maioria dos portugueses, palpita em mim uma saudade de África, uma saudade do Brasil, uma saudade do mundo além... Dos meus antepassados próximos, há descendentes em Moçambique e no Brasil. Por lá tive tios e tenhos primos que não conheço e de quem nem sei o rasto.

Vim ao mundo na década de trinta. Morria-se em Espanha, na dita Guerra Civil, onde mataram os sonhos de Picasso, de Lorca, de Alberti, de Dolores Ibarruri, e onde vilipendiaram a vontade e a dignidade do povo espanhol. Na década seguinte, tive o privilégio de conhecer as primeiras obras da Literatura Brasileira. Na minha estante, conservo e releio, até hoje, um pouco do que se escreve no Brasil. Recentemente, já com a disponibilidade da Internet, tive e tenho também o privilégio de ler diariamente os tentames literários de tanta gente e de conviver virtualmente com alguma dessa mesma gente. E foi pela Internet que conheci o Poeta Soares Feitosa e a seu Jornal de Poesia. Em Janeiro último, exactamente no dia 24, Soares Feitosa presenteou-me com o seu trabalho «Mãos». É-me apresentado como um prefácio do livro «Recordel», de Virgílio Maia, autor que, indelizmente, não conheço, mas espero vir a conhecer quando tiver o prazer de ler a sua obra. «Mãos» é um trabalho que não pode nem deve ficar subordinado ao outro que é «Recordel». E não pode, digo eu, porque tem vida própria, porque deve ter vida própria. E ao ousar afirmar isto, outrossim afirmo que quem adquirir «Recordel», necessariamente adquirirá duas outras em um só volume: «Mãos» e «Recordel». Ao ler e reler «Mãos», senti as veias do Brasil Nordestino, vivo e perene, afirmando uma presença, hoje, do que, ontem, eu lera, em Guimarães Rosa, Lins do Rego, Amado, etc. Obrigado amigo Francisco José. (24.3.2004)

JOSÉ BATISTA DE LIMA: Dom Soares Feitosa. Recebi seus Estudos casados com os Catálogos mas principalmente as Mãos. Sempre que vou à casa do meu avô, entro em contato com as

mãos dele, que permanecem latejando nas cadeiras, na mesa e nas portas. Li seu trabalho como quem bebe um copo de garapa de cana e depois lambe os beiços. O seu texto não deu "raposa"! "Raposa" é uma gastura que a gente sente quando bebe muita garapa sem colocar limão. Mas é preciso ter cuidado com limão, pois se cair um pingo que seja no parol azeda tudo e não dá rapadura que preste.Sim, "xixilar" é fal-tar fogo na fornalha. Você é o poeta que não "xixila". José Batista de Lima

JOSÉ CARLOS A. BRITO: O poema-prosa, ou prosa poética "Estudos & Catálogos – Mãos", não me levou tanto – como eu previa após a primeira leitura – à procura das razões emotivas que teriam mobilizado o escritor a um diálogo da alma com arquétipos de recordações passadas. A interpretação poderia iniciar-se, atribuindo-lhe, igualmente, uma imagem de conflitos simbólicos vindos do próprio mundo interior do poeta. E acrescentaríamos a isso, um funcionamento, também, como imagem coletiva. Ou imagem primordial, que solicita explicação no presente, isto é, o poeta reclama porque foi violentado junto com aquilo, pois, se sua alma é de outra natureza. À primeira vista soa como reprodução mitológica de torturas, de imolação, em animais (ou desejos aniquilados, imolados a um deus de poder egoísta?) que seriam submetidos à posse desse ego (o "eu" dilatado e inflamado, sem a mediação do amor). Parecem ser, os animais submetidos, reprodução simbolizada de nosso ser repartido, desde épocas do inicio de vida no mundo. Mas tudo passado no âmbito das imagens criadas pelo inconsciente vivo, de hoje, na reclamação dura (ou lírico-dura) do poeta. Será que sua obra pretende resgatar a parte da alma roubada? No entanto, a consciência do poeta vai transformando cada impulso desmedido da reclamação de alma (ou do ferro em brasa) em expressões simbólicas dessa tortura que fazemos às imagens representativas de nossa própria vida, através da escravidão dos bezerros e da energia reprimida, compensada no ferrar (nossos próprios desejos) na parte dos outros corpos. E será mais ameno o símbolo, do poeta, do que a marca de fogo na pele do animal, que é nossa parte separada, a partir de certo momento da evolução? As letras cravadas com o ferro-em-brasa na carne dos bezerros são no poema o símbolo da nossa palavra engolida, para dentro, e não expressada como fruto da liberdade (ou da liberação energética da libido)? Assim é essa ação coletiva de compor letras (A, Q, S, etc.) marca de fogo avassaladora sufocante da individualidade criativa e se afoga no coletivo torturante, daquele que, sem criar o poema, precisa reproduzir essa energia ao inverso – transformada em poder – e transferida no sangue coalhado da parte da alma submersa; o animal. Nossa parte primordial. Trata-se de uma arte ao contrário; a arte de submeter o rebanho do Céu, que precisa pedir emprestado ao Demônio seu fogo criativo, para negá-lo em seguida, ao impedir a vida livre do animal rebanhado. O poeta, no entanto, tenta recriar-se, desentalando de sua memória (tão marcada em brasa pertencente) as atrocidades da mesmice coletiva (que tanto mata animais, como judeus, iraquianos, vietnamitas, pobres, etc.) para limpar a alma dessas imagens das quais todos nós somos cúmplices. E que atordoam os sentimentos do poeta. Na forma literária em que procura a composição do belo, com novas letras redentoras; no lugar do "ferro-quente-com-sabugo-de-milho", o poeta, tenta libertar-se. É interessante observar que a vaca tem uma simbologia extraordinária na filosofia hindu, por ter sido ela a geradora do mundo e, portanto pode-se atribuir-lhe a função feminina de grande mãe. Lembrando Jung sobre o assunto, quando a energia está acumulada correspondente à concentração especifica de libido, na expressão popular "estou de saco cheio" ou "não agüento mais", "estou a ponto de transbordar" fazendo refluir a libido dos estados psíquicos, dos contrastes. "a cisão

da percepção sensível e a extinção do conteúdo da consciência conduzem violentamente a um transbordamento da própria consciência" (...) "tonificam os conteúdos do inconsciente, quer dizer, as imagens primordiais que, por sua universalidade e sua idade ilimitada, revestem-se de um caráter cósmico e sobre-humano."(...) " a idéia de um principio universal criador é uma percepção do ser vivo no próprio homem".

Para Jung esse conceito é concebido abstratamente como sendo energia, e assim fica implícito também o conceito de contraste, pois, não haverá fluência energética sem pólos opostos. E dessa forma o conceito de contraste é inerente ao conceito de libido. Jung encontra essa associação de libido e contraste no símbolo de Brahman, da filosofia hindu, como força criadora pré-cósmica "resolvida nos contrastes de sexo", citando um trecho num hino de Rigveda, onde aparece a vaca como um dos pólos do contraste.

Existe uma palavra fundamental na simbologia hindu: Prajâpati, criador do mundo. Para Jung é o principio criador cósmico = libido, que "às criaturas, depois de havê-las criado, impregnou de amor", na seqüência, a grandeza de Prajâpati o estimulou a sacrificar-se, e disso dividiu-se em sol e vento. O sacrifício que supõe renuncia transforma-se em nova forma de libido (vital), a criação do sol e o vento.

Prajâpati, também se dividiu em touro e vaca e nos princípios manas (entendimento) e Vâc (verbo). Um dos vâc era seu eu e o outro vâc era seu segundo (alter ego). Um vâc a quem chamou cridor, libertou-o (transcendência dos espaços) para que enchesse o mundo de vida. Assim concluímos, ao criarmos o símbolo mórbido que escraviza as vacas, seremos a anti natureza, própria da barbárie, que mata o verbo (vâc), e nesse caso reafirma-se o seguinte pensamento de Jung: "a nossa suficiência ocidental, perante as concepções hindus, revela a nossa essência bárbara". Mas isto também serve de pólo extremo para um renascimento simbólico, pelo caminho do meio, a transcendência do objeto novo; a obra de arte, ou o próprio renascimento. Quantos já não tivemos a intuição da alma para trilhar esse caminho? O poeta neste caso, com sua tentativa de renovar o verbo, é uma confirmação disso. E não esqueçamos esta frase do Atharvaveda, "Oferecendo a vaca aos Brahmanes conquistam-se todos os mundos..."

Lembrei-me, por associação de imagem, que também intuí esse caminho, através de um soneto meu, onde tentei traduzir o mesmo sentimento. Igualmente, o ato de "lubricamente matávamos o porco" (...) "as mãos viajando no quente das vísceras" – como eu também assisti meus parentes fazerem – dizê-lo em poesia faz-nos, do mesmo modo, limpar a alma para reconciliar-nos com a parte de nosso sentimento, assassinado geneticamente quando violentávamos partes de nosso ser, nessas carnes sublimes da natureza. A natureza da qual um dia fizemos parte carnal e coesa (o Prajâpati). Evidentemente, como vivemos a carência do ser completo, que fomos em épocas ancestrais, hoje, assumir as partes, por um processo amoroso, significaria recuperar nossa "alma – grande" ou a "grande-mãe-cósmica", isto é, a vaca. E ela pretende salvar-se com vida, através da energia transbordada para o poema. Por intermédio de vâc, o transbordamento poderá tonificar os conteúdos do inconsciente, revestidos de caráter cósmico e sobre-humano. Por outro lado o Céu, que concebemos, só entendeu de castigos, disciplinando a espécie, tanto em matadouro como em campos de batalha, onde se estraçalha com bombas a seres humanos, essa outra versão dos animais. Esses seres, também domesticados com uma "cultura" de ferro-em-brasa. Tudo porque se insiste em reprimir a libido, o fogo sedutor do Daimon. Mas através da palavra (vâc = verbo) lírica, o Céu compreenderá que a chama vinda do Inferno ao transformar-se em poema será manjar mais delicioso do que carne chamuscada, ou nossa alma presa. É assim fui convivendo pela linguagem simbólica entendida (manas) no "Estudo & Catálogos – Mãos", de Soares Feitosa. José Carlos A. Brito.

JÚLIO RODRIGUES CORREIA. Caro poeta, Recebi Estudos&Catálogos-Mãos. Adorei. Manaus noite alva quando me foi entregue pelo porteiro do condomínio. O prefácio de Recordel, sinceramente é de uma construção belíssima.Traz cheiro de terra. Pode-se dizer que é um prefácio telúrico. Achei vestígios de Guimarães Rosa e de Paulo Jacob, um escritor amazônico, hoje hóspede da Grande Luz. No poema Nunca direi que te amo você envereda pela mesma trilha de estesia do Architetura. Belíssimo. Poeta, vou continuar lendo e relendo esses opúsculos com muita sofreguidão. Parabéns, irmão.Continue sua caminhada pelos caminhos e alamedas coruscantes da poesia e da prosa. Adorei Hanna.

LAURO MARQUES: Caro Feitosa. Acuso o recebimento do pri-meiríssimo rebento das Edições Cururu. Pausa. Parêntesis. Vou também repisar na tecla da memória. Lembro de ter visto, no quintal de minha casa, em Mossoró, RN, no tempo da minha infância, uma cobra prestes a engolir um, acho que era, cururu. Afastamos, eu, com ajuda de familiares, a cobra a tempo. Assim espero. Essa morreu, matamos, com certeza. O cururu eu não sei. Lembro dele parado lá, respirando. Mais não lembro porque na época tinha mais o que fazer do que ficar cuidando da saúde do bicho. Já bastava ter matado a maldita. Fecha parêntesis. Obrigadíssimo pelo envio do jornal impresso. Mantenha-me informado de prosseguimentos idem de textos ibidem. Escrevo rápido, como um cururu on line, desculpe a falta de tempo, mas queria lhe escrever logo. Matou-me a saudade da língua nordestina. E ativou memórias como a do chouriço (sic). A iguaria esteve presente na minha casa, trazida pelo pai, da feira, mas foi recusada por todos, menos o mesmo. O sertanejo é antes de tudo um punk. Se bem que meu pai era brejeiro. Encerro por enquanto. Saudações brejeiras e campi-neiras de um paraibano-potiguar em São Paulo. E um abraço no primo Maia. E por aí vai. Outro abraço do amigo Lauro

LÊDO IVO: Meu caro poeta e amigo Soares Feitosa. Aplaudi, num silêncio intimamente rumoroso, o seu primoroso ensaio sobre muitas artes: a de ferrar cavalos e bois, a de fazer cercas; a de tirar leite de vaca ou fazer queijo; a arte de ver e ler as águas... E obervar formigueiros. Curiosamente, em minha poesia, há muitas cercas, um ferrador de cavalos, águas e chuvas; e em minha prosa há muita comida, de modo que me senti em casa lendo o seu texto instigante. Um 2004 eletrônico e planetário, a serviço da poesia, é o que lhe deseja o seu amigo, Lêdo Ivo.

LEONARDO ALDROVANDI: Caro Soares Feitosa, foi com imensa surpresa e enorme fascínio que recebi seus textos. Para tornar a poesia algo mais abragente é preciso organizar os esforços desse modo. Eu, um típico paulistano de classe média, nada conheço deste universo tão forte e colorido do Norte e, no entanto, a cada descrição, a cada palavra lida, o sangue fribilava levemente. Estava acostumado com aqueles poetas que circundam o MASP procurando algum interesse nos passantes que invevitavelmente os consideram extremamente enfadonhos ao se apresentar. Poetas que celebram um certo desejo franciscano de trocar suas palavras pelas migalhas executivas de nossos motores mais violentos. Nada contra a atitude, mas seu gesto prova mais uma vez que poesia é essencialmente um ato de doação da vida. Um grande abraço, Leonardo Aldrovandi

LEONTINO FILHO: Estimado amigo Soares Feitosa, felicidades. Recebi, sim, na quarta-feira, ESTUDOS & CATÁLOGOS - MÃOS. De pronto, agradeço-lhe pela gentileza da remessa. Li, com entusiasmo e interesse, o seu precioso prefácio (quase-livro-ensaio-total) para RECORDEL, obra do poeta Vir-gílio Maia, autor que muito admiro, pelo talento e pela grande inventividade artística. Seu texto MÃOS, em brevíssimas palavras, nos oferece o pão abençoado da poesia, e nos aponta para a maior das utopias: o encontro do sertão com o mar, encontro esse que desnudará toda a beleza do universo. Parabéns pela esmerada poesia que emana das páginas de MÃOS, um verdadeiro tratado de amor à arte. Louvo, também, o nascimento das Edições Cururu, que outros saltos luminosos aportem por estas redon-dezas. Mais uma vez, muito grato pelo carinho da remessa. Dê notícias, sempre que puder. Receba o abraço fraterno do amigo Leontino Filho

LUCIANO TOSTA: Caro Soares, depois de parado no meu escritório durante alguns dias, finalmente li o tal "papé". Li e gostei muito. Gostei de como você compõe a realidade através da fragmentação, como conecta o tempo, a paisagem e a linguagem, e de como tira-se vida puríssima como o ar deste teu Ceará ou da minha Bahia destas linhas. Aí está um Brasil ainda desconhecido de muitos; um Brasil que tem memória com cheiro, gosto, cor e força, até para "ferrar". Eu, que escrevo daqui da "estranja", duma América que não e "nuestra", como queria o cubano José Marti, muito menos "nossa", como, iludidos, pensam alguns dos muitos brasileiros que hoje habitam esta Nova Inglaterra onde estou, mas sempre "deles", senti saudade de casa, do meu Brasil. Senti no seu texto tambem uma certa inquietação e lembrei-me de Pessoa, mas não o do Guarda-dor de Rebanhos, pois seus bezerros, cavalos, burros e jumentos, mesmo "dóceis", tem a vitalidade insuperavel de nossa terra e nosso povo, mas sim do seu tardio e fragmentado "Livro do Dessassossego". Então, depois deste prefácio, que venha o resto da sua angústia, saudade, história! E será bem-vindo! Abracos. Luciano Tosta

LUCIUS MATOS: Por que não dizer? Muito obrigado! Fiquei contente ao saber que chegou. Li, mas nem todos os comentários. Fui até o fim. Pensei: será que ele é rico?! Todos que querem participar do Jornal de Poesia recebem um 'troço' desses? As fotos estão coloridas! Na semana passada, quantas edições foram enviadas? Não seria prático tê-las on-line? Com certeza! Mas que palavras poderia escolher para transfigurar o que senti quando chegou? E o meu nome, na capa, escrito a mão, de tinta preta? Não. Se fosse on-line, não! Confesso: nem li o prefácio! Abri bem no meio e comecei a ler. Assustei-me. Fotos?! Cadê os... os... os poemas?! Fui para o fim. Continuei lendo. Acho que peguei a conversa pelo meio! Tive que voltar para a página 1 e só então perceber que era um prefácio. Se não fossem a nota e os vários comentários, imaginaria um trecho de algum livro seu. Sou simples e humilde nos modos. Não tenho o dom da escrita, das palavras. Mas espero que entenda a minha ignorância: se for um prefácio, um chamariz, será julgado bom se conseguir despertar o desejo de quem lê. Cabe ao leitor julgar a obra. Ele não gostará de tudo, 'ou não', como dizem os sábios baianos. Quase todos comentam o seu prefácio como uma obra de arte, desejando ler o tal livro. Pela receptividade, talvez, deseje agora lançar um livro com outros prefácios seus. Iniciei o meu argumento com um se, a lógica exige um então. Se for um prefácio, um chamariz... Então podem os prefácios serem tão conhecidos e comentados quanto os livros que os hospedam? Se sim: que beleza! Quando vai sair?!!! Se não: Este programa executou uma operação ilegal e será fechado. Se o problema persistir, entre em contato com o

seu fornecedor. Muito obrigado por esta edição! Lúcius Matos.

LUIZ COSTA DE LUCCA SILVA: Poeta Feitosa, Estudos & Catálogos - Mãos: Muitíssimo agradecido pelo conteúdo poético que tive a satisfação de receber ontem. Ha no texto um exemplo clássico do estilo da prosa poética nordestina, na sua expressão mais autêntica, naquele gênero que identifica a verve do Nordeste pela sua maneira característica, seja no verso, seja na prosa "versejada", que nos dá uma impressão direta de uma conversa à sombra de alguma árvore de jenipapo, ou na calma de algum alpendre imperial das regiões mais brasileiras deste Brasil. Sim porque, de um modo ou de outro, mais ou menos, absoluta ou relativamente, tenho a sensação de que o Nordeste e Minas Gerais são os ambientes em que já se pode sentir um Brasil definido, em todos os aspectos. Um grande abraço e, mais uma vez, muito obrigado! de Lucca

LUIZ PAULO SANTANA: Poeta Soares Feitosa: "Ao dono, indelegável, persona-líssimo, o direito de ferrar." Sim. E você o faz com a marca inconfundível de seu estilo e de seu talento. Catalogando catálogos que catalisam o processo alquímico da leitura, catapultando o leitor para dentro do livro que, pela pequena amostra, que pena, dá a pista de outra talentosa ferrada. A estrofe citada, do poema As Horas do Dia, deixou-me em grande expectativa: pareceu-me uma abertura, delicada e premonitória preparação para a grande aventura poética que se seguirá. Recordel. Você certamente nos dirá onde e como conseguir o livro.Grande abraço. Luiz Paulo Santana

LUIZIR DE OLIVEIRA: Amigo Soares (acho que já posso chamá-lo assim, pois nos une o mesmo amor pela língua e pelas expressões, poéticas, sincréticas, prosopopéicas das nossas emoções, não é mesmo?) Recebi os "papé" que você ficou de enviar. Não posso expressar suficientemente a minha satisfação ao ler Mãos. E você ainda o chama de prefácio?! É uma peça literária da mais alta qualidade, como raramente tenho tido a oportunidade de ler em dias de aridez espiritual como os que temos vivido. Suas palavras não foram escritas para serem apenas lidas, mas sorvidas com raro deleite. elas têm cor, cheiro, sabor. Trazem as sensações à flor da pele. Brincam com elas. Tratam-nas com afeição. Você respeita o seu leitor-confidente-amigo. Não faz concessões ao mau gosto, não é gratuito, não visa apenas ao agradar. e consegue, com mãos de mestre, conduzi-lo pelas sendas sempre gratificantes da vida do espírito. Lamento estar tão distante geograficamente. Senão, acabaria por me infiltrar nas suas reuniões, para compartilhar de alguns momentos junto a você e outros amigos. O Arthur da Távola costuma encerrar seus programas dizendo que música é vida espiritual. E que tem vida espiritual nunca está sozinho. Concordo com ele. Mas quando é possível compartilhá-lha com espíritos afins, o resultado é sempre mais proveitoso! Agradeço muitíssimo sua atenção. Espero poder continuar recebendo tudo o que você tiver pra enviar!!! Abraços afetuosos. Luizir de Oliveira

MAJELA COLARES: Querido Soares, que surpresa por essa bela e tão originalíssima edição! Você de fato, inspira em mim sinceramente uma admiração por essa energia ou sinergia profunda que imprime a cada coisa que você faz e sonha. Realmente, isso é raro em tempos escuros e estrei-

tos como os nossos. Parabéns! Um abraço amigo, Majela Colares

MARCELO ARIEL: Evoé Soares! Recebi o Estudos e catálogos — mãos O teu prefácio possui a mesma aura libertária dos três prefácios do João Rosa em Tutaméia; nele sinto que é possível recuperar o aspecto encantatório e engraçado (refiro-me à graça de Simone Weil e falo da gra-ça incancelável de Proust reescrito por Oliveira de Panelas, Zé Limeira ou por sertanejos como você). Será que somos nós os bois e cavalos da palavra mundo e de todas as outras partículas invisíveis do visível? (Palavras-átomos do mundo da alma?) Não estou sendo agora nele estas palavras? (Esses fios engraçados e difíceis que se tocam através das mãos dos olhos?) Que se tocam na vida e na morte dos nomes todos que depois invisivelmente ressuscitam como palavra e memória do mundo (mundos?). Voltando e indo, como faço para adquirir o Recordel? Ah, gostei do no-me! Edições Cururu... isso tem ma-gia! Aqui da minha margem, assim que terminar o trabalho de ourive-saria metafísica do meu Silêncio contínuo (reunião de poemas e insônias), te envio o material. Até Lá. Um abraço cósmico... Marcelo.

MARIA CONSUELO CUNHA CAMPOS: Soares, que beleza! Acabo de ler o maravilhoso “pa-pé“ e ainda sinto a vertigem da altura! Muito obrigada pelo privilégio de ler seu texto de mestre! O que existe de telúrico em meu dna urbano se energizou ao lê-lo e todas as minhas ancestralidades dedicadas à pecuária reviveram em mim, descendente que, como Drummond, já não sabe mais dar nome a bois... Sendo Figueiredo pelo lado materno, Cunha Campos, Prata e Soares também, pelo paterno, há motivos para crer, estando estes sobrenomes no dicionário sefaradita, que também possa ter alguma ancestralidade cristã-nova. Abraço grande e comovido, Consuelo

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS

1. Num primeiro e-mail:

Subject: Dor e júbilo

Meu amigo,

DOR: morreu um dos maiores poetas brasileiros, meu amigo Affonso Manta. Estou sofrendo muito com isto. O meu mestre Tasso da Silveira dizia que quando um poeta morre é como se um cofre de tesouros tivesse submergido em alto mar para sempre. Affonso Manta é um patrimônio da humanidade. Depois lhe relatarei a vida deste grande poeta. Estou em luto, poucas palavras. O poeta Inácio vai lhe enviar, a meu pedido, material para você inserir em seu sítio (acho que é uma fazenda, na verdade, uma imensa fazenda, o seu site, e aqui já se inicia o júbilo).

JÚBILO: seu texto. É de uma beleza confrangedora - foi o adjetivo que me veio. "Ah, meu caro Vergilius - Nunes Maia ou Publius Maro, tanto faz -, a legitimidade do nosso canto é tão-só a sustentar o júbilo. Se cantamos a vida, cantemo-la como a não-morte; se cantamos a morte, que seja um psalmo de ressurreições. Poeta Virgílio, creia-me, o catálogo das mãos é inesgotável porque as mãos dos novos hão de garantir as nossas mãos. Por sobre, sempre por sobre; assim tem sido". — Diz você, com absoluta propriedade.

O que você realiza em seu texto é uma lúcida captura do mundo, nos catálogos que tipifica. Ocorre uma vizinhança com a experiência individual e social espantosa. Mais que vizinhança, uma co-percepção do mundo criado pelo homem, mundo cultural e poiético, à semelhança do gesto de Javé no início deste mundo em que nos é dado o canto. E, ainda à semelhança de Deus, viu e vê o criado e achou e acha que era e é bom. Ato genésico, o seu.

Mais: com seu inventário articulado poiéticamente você erige uma Ars Poetica. Veja, no anexo, os trechos que destaquei do seu texto e se não é isto que você realiza - uma arte poética encorpada e radical.

Suas palavras sibilam e zunem, são como aríetes, às vezes, na percepção do mundo e da natureza da arte. Da Arte. Que texto, o seu! Parabéns mesmo, parabéns são poucos, viva você! Um beijo e um abraço de sua amiga, Conceição

2. Num segundo e-mail:

Meu amigo, Ontem, escrevi um longo mail para você, dizendo de DOR (morte de Affonso Manta, um dos maiores poetas brasileiros) e JÚBILO (pelo seu texto, com amplo comentário. Mas como meu Windows está acusando um erro desconhecido para mim, talvez não o tenha recebido. Quanto ao Manta, espero de você uma super-homenagem a ele em seu sítio (que, como o dissera antes, no primeiro mail, é fazenda e fazenda sem limites, sem ser latifúndio, graças a Deus! Penso até que os poetas do MST deveriam enviar suas con-tribuições...Veja bem: acho a causa justa e a ela adiro; sou contra alguns procedimentos de pessoas isoladas - abusos). De qualquer modo, havia uma colagem do seu excepcional texto para arquivo do Word, comentado seus catálogos e os substratos aní-micos, e outros, destes, em alguns aspectos, que anexo agora, como já o fizera no outro. Parabéns! Estou feliz com sua performance maximal. Você está crescendo mais do que um jequitibá. E, paralelamente à sua auto-construção como ser humano, a sua bela e ímpar contribuição a uma literatura que encontra raquitizada cada vez mais neste País. Nos seus textos, corre o sangue da Vida, o sangue quente do contato com as vísceras. Você dá as mãos ao expressionismo kafkiano, sim, e à sua condição de judeu sefaradita. Afinal, os marranos são irmãos destes, são "rapazes" da estirpe do Maimonides, Marx, Engels, Mendelssohn, Freud, Einstein, Wittgenstein, Henri Bergson, Edmund Husserl, Martin Buber, Karl Popper, Einstein, do Freud, do Spinoza... Lembrei-me, também, da piada dos "cinco rapazes judeus" que mudaram os rumos da história da humanidade, passada para mim por um amigo querido, o Roberto Ponczek, um desses mesmos "rapazes", apaixonado por Baruch Spinoza, com livro e tese de doutorado sobre o filósofo considerado anárquico por seus irmãos: Moisés: "o mais importante é a lei, e esta se faz com a cabeça"; esus Cristo: "o importante é o amor, e este se situa mais em baixo, no coração"; Marx: "o mais importante é a igualdade social, e esta é sentida um pouco mais em baixo, no estômago"; Freud: "o importante fica ainda mais embaixo, no sexo, pois é neste local que se situam os desejos". Finalmente, o quinto, Einstein: "meus quatro colegas judeus estão relativamente equivocados pois o importante é que tudo é relativo". Envio-a para você sentir ainda mais a alegria de ser criador de Criador e sua criatura. Foi Ele quem disse, não foi mais ninguém: "Sede perfeitos, como eu o sou".Continua a informação do Ponczek, me dizendo que, certa vez, quando perguntado por um pastor se acreditava em D'us, Spinoza lhe teria respondido: "Eu não acredito em D'us, eu conheço D'us". E, quando um rabino americano fez a mesma pergunta a Einstein, este lhe respondeu: "O D'us que acredito é o D'us de Spinoza". Por este motivo, Spinoza é conhecido como "o filósofo embriagado de D'us". Depois de Spinoza e Einstein é perfeitamente possível conciliar o judaísmo com a ciência e a filosofia modernas. Isto você faz no seu texto, isto você É no seu texto, com a diferença de ser poeta. E poesia é verdade (Poesie ist Wahrheit, quem o disse foi Goethe). Poiésis: o mais alto conhecimento, pois há o contato direto com o mundo empírico, sem inter-mediações da lógica causal. O Virgílio Maia deve estar muito feliz com tudo isso. Que ele receba o meu abraço e as minhas homena-gens.Vou tentar lhe enviar os comentários sobre seu texto mais tarde, se for corrigido o erro do meu Windows. Abraço e beijo. Conceição

MARIA FORTUNA: Meu caro poeta Soares Feitosa: Com que satisfação recebi o que vc. chama de "papé", contendo um texto seu que muito me surpreendeu! "O

que o tempo há de querer, já conhecia. Já havia lido suas inesquecíveis poesias no site Jornal de Poesia, onde navego familiarizada com um terreno em q minha alma teima construir sua morada eterna. Agora me vem as mãos algo que mexe com minha memória poética, pois meu pai, velho cearense João Evagelista de Souza Lima, autor de apenas um livro, trouxe para minha infancia de criança maranhense sonhadora e messiânica, um linguajar daqueles que conhecem a caatinga, que presenciaram um boi morrendo de sede por causa da seca. E tantas coisas mais que o prezado poeta tão bem invocou naquele texto mágico onde deixou transparecer um parentesco, próximo a Beleza, daquele intrigante neolologismo no linguajar de Guimarães Rosa. "Há que ter sorte para abrir um livro. Abrilo na página certa. De gostar ou não gostar" . E eu gostei muito do que li. Senti o borbulhar da minha raiz cearense e agradeci a Deus por ter alguem, com tanta sensibilidade, preservando a linguagem crepitante do sol da seca nordestina, aspergindo a àgua da poesia. Refrescando, deixando chover palavras de bom augúrio. Obrigada por entrar no site do Fausto Wolff e ali ler meu artigo "O pivete". Parabéns! Um grande abraçoMaria Fortuna

MARIA GEORGINA ALBUQUERQUE: Feitosa, aqui estou com o maravilhoso Estudos e Catálogos - Mãos que me enviou. Nele, um garotinho de óculos, expressão pra lá de inteligente, me convida (ou impinge?): " - Vem!... desestrutura! (e reestrutura meio à perplexidade...)". A regionalidade da leitura que ora faço, aos poucos vai dando mostra de universalidade meio à vivência anárquica da minha grande metrópole. Não temos acesso ao gado, mas fica constatada a possibilidade de "marcar" as nossas produções com ferro em brasa. Não temos galos por aqui, mas persistem os gritos que também tecem a manhã. Basta que haja paciência para absorver o diferente através de iniciativas culturais como a sua, que tanto ampliam os nossos horizontes criativo e lingüístico. Um beijo carinhoso. Maria Georgina Albuquerque. Em tempo: Desejo ao Virgílio Maia muito sucesso com o seu "Recordel", que já dispõe de tão belo e instigante prefácio.

MARIA DA GRAÇA ALMEIDA: Poeta, a certeza da tinta que de sua pena desliza tem magia e alumbramento. Deixa um rastro no papel, cujo percurso é a própria vida, com as doações e as maravilhas que só podemos encontrar na bênção dos imortais. Maria da Graça Almeida

MARIA LILIA MARTINS CARNEIRO: Estou sem palavras para de-monstrar a minha alegria e perple-xidade com a recebimento do papé & tinta: alegria de ver o carteiro chegando com o envelope do JP timbrado, coi-sa de caipira! (Mas é muito bom receber envelope do carteiro); perplexidade em ver que o dito “prefácio” é na realidade um livro completo de poesia em prosa, como só vejo semelhante em Guimarães e em Saramago, em que as palavras soam melodiosas e nos envolvem por completo. Meu Deus, como alguém consegue transformar o bruto ato de ferrar bichos em um bailado diáfano e contrito?! Estou pasma! Parabéns e obrigada pela oportunidade. Um abraço. Maria Lilia

MARIGÊ QUIRINO MARCHINI: Prezado Soares Feitosa, Estudos & Catálogos - Mãos é um maravilhoso ordenamento de um Brasil existente nos bois, nos ferros cruéis, nas madrugadas. nos sertões, nas gentes sertanejas que, nós aqui, nestas urbes — desenvolvidas, violentas e poluídas — mal conhecemos, mal amamos, mas bem recebemos, com júbilo, pois é um portal magnífico

para adentramos nas tradições e diferentes formas de vida em nosso País. Sua vasta cultura, Soares Fei-tosa, direi mesmo erudição, está toda perceptível nesse prefácio encantador, humano e abrangente. E na divisão dos tempos d'Ele, d'Ela, que refinamento de linguagem, que poesia! Este prefácio está à altura da poesia de Virgílio Maia, que conheci quando estive em Fortaleza. Você e ele, dois grandes poetas. Com meu abraço de muita ami-zade, estou-lhe mandando meu livro Hierofanias, o religioso na lírica femi-nina, e um arquivo com Duas poé-ticas, sobre Aluysio Mendonça de Carvalho. Cordialmente, Marigê Quirino Marchini

MARIA DO SOCORRO CARDOSO: Admirável escritor/poeta Soares Feitosa: Gostei deveras da prosa e projeto Edições Cururu. Lembrei-me de uma modinha que ouvira e participara dos folguedos de infância, nos terreiros em noite de lua cheia: ..."sapo cururu da beira do rio, quando o sapo canta, ó maninha, é que está com frio"... Nordestina, dos sertões de Per-nambuco, porém meio cearense, devido a minha ancestralidade materna: percorri no lombo de cavalos léguas e léguas as plagas do cariri e outras cercanias do Ceará: Barbalha (Sítio Cocos, Roncador), Brejo dos Santos, Porteiras (Massapê), Jati. Por lá meus bisavós e avós maternos possuíam propriedades e engenhos. Este magnífico Estudos & Catálogos - Mãos, do escritor Soares Feitosa, - prefácio quase ensaio do livro Recor-del de Virgílio Maia, é sem dúvida alguma, uma obra de arte literária das mais originais. O ludicismo, o lirismo e o realismo do autor ao tratar das coisas da ambiência nordestina, de forma tão profunda e autêntica, fez-me reportar qual quadro vivo aos idos da minha infância por aquelas paragens. Soares Feitosa metafórica, inconsciente e ou conscientemente, resgata o universo sertanejo, nos fazendo ouvir o aboio do vaqueiro, o relinchar dos cavalos, o chocalho do gado e bodes, os bacorinhos, os bezerrinhos desmamados, os burros e jumentos. Os baldes de leite e o cheiro dos currais, a coalhada, as farinhadas, a prensagem do queijo de manteiga, cujo dia era uma festa: os fios de queijo no alguidar cozendo no fogo de lenha, e a criada-gem disputando a raspa do alguidar para dali fazer uma boa farofa.. "Chouriço" era outra festa: o doce feito do sangue do porco com gergelim pilado no pilão e rapadura, temperado com pimenta e cravo. É de dar água na boca, tão delicioso doce! Nem tudo era uma festa e um doce: O mugido e berro do gado sendo ferrado com o ferro quente em brasa, com o "logotipo" do fazendeiro. Como a propriedade privada traz berros e lágrimas! Meus avós maternos ficavam sôfregos com aproximadamente mil cabeças de gado na serra do Araripe, na iminência de serem roubadas ou atacados por bandos de cangaceiros, e assim teriam que vender diversas cabeças para pagar o resgate. Isto ocorreu com minha avó materna em relação ao bando de cangaceiros, os Marcelinos. Do alpendre, ao levantar da rede, o avistar dos canários e assum preto, de Luiz Gonzaga, os gibões, selas e baús, herança dos artesãos da península Ibérica, o ecletismo cultural árabe, - povos pastores, estes, além de conduzir os rebanhos de ovelhas, trabalhavam muito bem o couro. O crochê, renda de almofadas, com fios de algodão, a partir de bilros e espinhos de mandacaru, artesa-nava-se para enfeitar as sertanejas, amenizando seu caráter rijo. Que sertões étnica e belamente ecléticos: portugueses, índios, negros, cristãos novos, árabes, tudo fundido num caldeirão de cinco séculos - travestidos de brasilidade, cujo lirismo e realismo ao mesmo tempo, imprime uma magia inigualável. Tudo isto o autor, escritor e poeta Soares Feitosa resgatou neste texto fantástico, quase prosa lírica: não fica a dever a Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, Umberto Eco de O Nome da Rosa, Gabriel Garcia Márquez em Cem Anos de Solidão. E ao escritor e teatró-logo paraibano, Ariano Suassuna. O autor foge ao lugar comum, a intertextualidade de leve; entre o erudito e o popular, tece milagrosamente a ficção e o real; se abraçam para caracterizar as

mil e uma noites dos contos nordestinos. Texto singular e rico, beirando as margens do épico.

E assim encerro esta singela apreciação, semioticamente quase sentindo o cheiro agradável do capim-santo, da terra quente molhada com as primeiras chuvas de janeiro, o som do aboiar do vaqueiro; a coreografia da anágua rendada e gomada das moças casadoiras, para ir a missa do domingo e a festa do padroeiro.

Fechando estas breves impressões, pois longe de crítica literária, invoco o cientista social Euclides da Cunha, com frase indelével e tão atual: "O sertanejo é antes de tudo um forte"! Com um abraço fraternal de nordestina, meio cearense, Maria do Socorro Cardoso

MAURO MENDES: RECORDEL! O título do livro já é um poema, pelo menos pra quem é, como eu, destas terras! Mas falta ler o livro, vontade que o simples título desperta. Cadê o livro? Cadê o meu? O seu prefácio é originalíssimo, sem recursos a estas coisas manjadas como "intertextualida-des", "polissemias", ou exdrúxulas, como "ale-xias", ou de compadrio, como "com este livro o autor adquire, assim, o lugar que, de há muito, lhe pertence, de pleno direito, no panorama literário...". Ao contrário, o seu prefácio é puro sertão (onde, também, com certeza, se insere o livro), os bois mugindo, o tropel de tudo quanto é bicho, o canto da pas-sarada, os "cheiros" de tudo, cada um, a seu lugar e hora, conferindo à gente (sem que disto a gente mesmo se aperceba...), um sentido, ao mesmo tempo, de individualidade e de absorção total na natureza... Você maneja, admiravelmente, estas lembranças! Vontade de me embrenhar de novo nestas matas, de onde nunca deveria ter saído para estudar vãs filosofias! Um abraço! Mauro Mendes

NELLY NOVAES COELHO: Caro e sempre lembrado poeta Soares Feitosa. É sempre uma alegria receber notícias dos amigos, principalmente quando vem em forma de atividade existencial, como é o seu caso... Desde que o conhecei, através das letras e da poesia, senti isso: tudo que você escreve, produz, projeta, etc, vem da paixão de viver e conviver. Que mundo maravilhoso seria este se "todos fossem iguais a você"! Recebi teu jornal de poesia com os Cátalogos. Senti uma saudável inveja, pois meu computador continua sendo manipulado por uma funcionária. Há entre mim e ele uma incompatibilidade psicológica. Continuo escrevendo à mão, depois datilografo na IBM elétrica; a funcionária digita tudo depois. É uma incrível perda de tempo. Mas que fazer?! Já octogenária, permito-me só fazer o que me dá prazer. Abraços, Nelly

PS: Vou lhe mandar o meu Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras. Todo escrito à mão e depois...

Nota do editor:

O dicionário chegou no dia seguinte. O obra primorosa, de amar e guardar. Confesso que fico morto de vergonha de ganhar presente tão rico.

NERINO DE CAMPOS: Caro Soares Feitosa, primeiramente gostaria de agradecer este maravilhoso presente que me foi enviado. Senti muito prazer em ler, reler, reler e reler o prefácio do livro do Virgílio Maia, e em todas as vezes fui remetido a um passado distante, quando nas férias viajava para a fazenda de um amigo. Apesar de ser extremamente urbano, de ter passado a infância e a juventude em Belo Horizonte, e ter vivido e amadurecido no Rio de Janeiro; em Ipanema para ser mais preciso, sentia com intensidade as coisas da fazenda, aquela crueldade do ferro em brasa, do balde tão limpo para receber o leite, em contrapartida com as mãos tão sujas do vaqueiro na hora da ordenha. Tudo isso me voltou à

mente e eu sei que outras imagens ainda voltarão, pois, lerei o seu prefácio como leio, leio e leio certas poesias. Um grande abraço. Nerino.

NICODEMOS DE SENA: Prezado Soares Feitosa. Foi com grande alegria que recebi o belo e criativo texto para prefácio de Recordel de Virgílio Maria. A leitura deu-me muito prazer, eis que uma apresentação do livro consegue escapar da forma-clichê e se constitui, ela mesma, peça autônoma com vida própria — isso pela invenção do texto. Parabéns! Vontade imensa de poder ler também o livro do Maia, que mereceu a tua inclassificável — e tão original — apresentação. Onde consegui-lo? Abraço fraterno. Nicodemos Sena

NILTO MACIEL: SOBRE PREFÁCIO. A leitura do prefácio de Soares Feitosa ao livro Recordel, de Virgílio Maia, me conduziu por veredas sertanejas e pretéritas. Como um cego, fui vendo, com estupor, a ferradura do gado, o ferro em brasa, a fumaça a se evolar, esturros do bicho, a marca no lombo. Tudo contado tim-tim por tim-tim. O prefácio tem sabor de crônica. Não de crônica escrita às pressas, para o jornal do dia seguinte, por cronista profissional. A crônica de Soares Feitosa tem feitio de ensaio sociológico. Não desses ensaios que dão sono, preguiça, vontade de fechar o livro. O ensaio de Soares Feitosa é de quem viveu, presenciou a vida no sertão, a arte dos ferros, as serifas. Como o outro poeta Virgilio Maia, o Vergilius Nunes Maia. O prefácio de Feitosa é de quem conhece as letras do gado muito antes de conhecer as letras dos livros. Como o poeta Virgílio. E a feitura dos queijos, o fabrico das moringas, a profecia das águas. Ler este prefácio-poema é ler o sertão, a arte sertaneja, e ter vontade de ler o Recordel desse também maravilhoso poeta do País do Jaguaribe chamado Virgílio Maia. Nilto Maciel

PAULO CAUIM:

Estudos & Catálogos - Mãos

Soares
serifa
vogais
d e
Rimbaud
a ferro
Erige
ambiências

Tempo
água
queijos
couro

Catálogo
d e
catálogos
logos
galos
cabrais

Teu olhar
formigueiro
no catálogo
das profecias
me remete
à caranguejeira
que atravessa
a rodagem

Teu texto
xadrez
d e
xerém
miríade
d e
abois

Quentes
catálogos
das mãos
entre
as
víceras
no catálogo
acaso
das mãos:
as mãos
são mais
velozes
que o
mouse

[De mãos
das com
o leitor]
Atravessa
Feitosa
o inferno
contemporâneo
e nos guia
até o paraíso
de
juazeiros-livres-sem-sinucas

A
sinuca
é apenas
o prefácio

Estudos & Catálogos - mãos
um texto escrito
por Doidinho
José Lins do Rego
depois de adulto

Você inventou
o prefácio-prelúdio (aquecimento) antes
de o leitor
todos os
outros
movimentos

No prefácio-prelúdio
temos de ir de vau a vau
a grande travessia
[R e c o r d e l]

Soares,
em que estante do tempo
você deixou arquivado o catálgo
de por-sobre-sempre-por-sobre
[d'Ele d'Ela]
?

Brasília, 2 de março de 2004
Grande abraço
Paulo Cauim

PEDRO ROGÉRIO: Prezado Soares Feitosa. Agradeço o envio do Jornal de Poesia, contendo o exuberante Estudos & Catálogos - Mãos. Maravilhosa viagem pelo sertão de nossa infância. Magnífico trabalho de artesanato da palavra escrita. Mande-me mais. Fiquei admirador do seu imagino-so texto guimaraesroseano. Abraço cordial do Pedro Rogério.

R. ROLDAN-ROLDAN: Caro Soares Feitosa, sim. Chegou seu papel e tinta. Com odor atávico de terra, de chuva, de mato. Com luz de vela - livros-copistas, palimpsestos e até "grimoires". Com som longínquo de aboios. E fios deliqüescentes de referência. Rodam

RAYMUNDO SILVEIRA: Feitosa, aAcabei de ler agorinha Estudos & Catálogos - Mãos e estou besta, abes-talhado, abestado, bestificado e de queixo caído. Eu te conhecia como um grande poeta versejador. E isto é mais do que prosa poética, no modo de entender deste teu amigo e colega de Seminário. Eu te juro pelas minhas mãos postas - e pelas mãos postas do "Estudo das Mãos em Oração", de Dürer - que se eu tivese encontrado estas páginas, soltas em algum lugar, sem nenhuma indicação de autoria e de editoria, teria certeza de que se tratava de um trecho de Grande Sertão: Veredas. Meus parabéns, meu amigo. Você tem muito mais tutano na cabeça do que imagina. E do que muita gente (culta) deste grande pequeno país imagina. Um abraço. Raymundo Silveira

REGINA SOUZA VIEIRA: Grande poeta amigo Soares: Estes versos de Carlos Drum-mond de Andrade, em louvor a João Guimarães Rosa: "Ficamos sem saber o que era João/ e se João existiu,/ de se pegar?" ("Um chamado João" in Versiprosa) ficariam bem ajustados na paró-dia que eu gostaria de fazer agora: Ficamos sem saber o que é Feitosa/ e se Feitosa existe,/ de se pegar?. Verdade, poeta e amigo Feitosa! Admiro de há muito o seu trabalho no Jornal de Poesia; admiro ainda mais a oportunidade que você dá a poetas e escritores neófitos que encontram, por um lado aquiescência e incentivo para publicarem no seu site, por outro lado nele encontram um arcabouço de conhecimento de

autores nacionais e estrangeiros. Recebi Estudos & Catálogos - Mãos e ima-gino o prazer e o orgulho de Virgílio Maia, cuja obra não conheço nem tampouco a pessoa, mas que imagino ambos privilegiados por este prefácio seu. Se em lê-lo, sinto-me honrada, imagine-se o autor do livro, que terá nas primeiras páginas de sua obra esta apresentação profunda!

Com Você, a gente se surpreende sempre. Nós, por exemplo, nem nos conhecemos diretamente e eu me gabo de receber o seu convite para publicar o meu livro A prosa à luz da poesia em seu site. Que presentão! O que eu fiz para merecê-lo? O que lhe dizer para que as palavras correspondam ao meu agradecimento? E sabe por que o seu carinho me é tão impor-tante? Há meses venho pensando em disponibilizar na internet este livro, mas nunca me decidia a isto. Aí surge o seu convite, que surpresa!

O meu livro, à parte qualquer pretensão, contém uma vasta pesqui-sa sobre a prosa drummondiana e, mais do que isto, em analisando os gêneros praticados pelo autor mineiro, há uma parte teórica sobre crônica, ensaio e conto, que pode ser útil a outros pesquisadores ou estudantes.

Garanto-lhe que fiz o que pude para divulgar o meu trabalho: dei palestra em Itabira, busquei e até consegui o apoio da Fundação Casa de Rui Barbosa e do neto de Drum-mond, Luís Maurício, mas a divul-gação é difícil, o tempo passa e nós mesmos acomodamo-nos ao que não foi feito.

Bem, vou enviar-lhe em anexo o livro, se puder disponibilizá-lo me dará uma das maiores recompensas literárias que posso almejar. Apesar de este e-mail já se fazer longo demais – será que sofro de gigantismo epis-tolar? – quero apenas colocar-me ao seu dispor ou ao dispôr do JP para tudo ou qualquer coisa em que eu puder ser útil. Sou uma apaixonada por literatura e me voluntário sempre a qualquer pesquisa ou a qualquer informação. Uma última observação, quase um pedido: o meu site acolhido hoje no JP já não é o meu atual, se puder alterar, será um muito obrigada a mais que lhe fico devendo. Sua sempre amiga. Regina Souza Vieira

REGINA LYRA: Meu Caro Soares, ler seu texto no leva para pontos de prazer e saber. A descrição da vida no campo do senhor e da senhora da fazenda é de uma maestria ímpar. Os catálogos tornam-se velhos conhecidos, ou de quem viveu no campo, ou pelas belas leituras dos nossos escritores, tais como: José Lins do Rego, José Amé-rico de Almeida, Rachel de Queirós, Graciliano Ramos e tantos outros. Sua leitura, meu querido Soares é praze-rosa, nos leva e nos enleva, a momentos de reflexões. Parabéns Soares, não só por dá oportunidade da leitura de prefácio tão belo, mas também, por fazer parar um pouco e pensar nos acontecimentos da vida ... Um grande beijo, Regina Lyra

RENATO SUTTANA: Prezado Soares: Uma vez, durante uma viagem de ônibus (não me lembro entre qual e qual cidade, mas sei que foi num ônibus), um amigo - que estudava a física, mas que tinha certo interesse por livros, principalmente romances e poesias - me perguntou se eu conhecia a prosa de Pedro Nava. Respondi-lhe que não a conhecia a fundo, mas que tinha lido alguns trechos. Então ele me perguntou o que eu achava dessa prosa, mesmo com a pouca experiência que tinha dela. Como não me ocorresse nenhum adjetivo para qualifi-car a escrita desse autor, e na tentativa de dar uma idéia do que eu pensava de uma prosa que para mim me parecia consistente, fundada numa vivência profunda do mundo e das coisas — principalmente, uma escrita calcada na memória e na ances-tralidade do ser e da palavra —, eu apenas lhe disse que a achava "subs-tanciosa". O amigo riu, julgando inusitada a expressão, e redargüiu que o fazia pensar em qualquer coisa como uma sopa, um caldo ou uma iguaria qualquer, rica em proteínas. Mas tinha entendido o que eu quisera dizer e por isso acrescentou que também achava a prosa de Nava

bastante consistente, embora, de sua parte, como eu mesmo, a conhecesse pouco e muito de ouvir falar.

Leio agora o seu Estudos & Catálogos - Mãos e esse breve episódio da alguns anos atrás me vem à memória. Como qualificar essa prosa que você me envia, senão recorrendo àquele adjetivo, isto é, dizendo-a "subs-tanciosa" também - num sentido que implica agora não tanto o que eu tinha visto em Nava, mas num sentido que implica certa relação do espírito com a terra, com as coisas do chão e do mundo ao redor, que você tão bem consegue evocar nesse prefácio que não só é ele mesmo uma peça de grande interesse, mas que, ao apontar tão delicadamente para a poesia do prefaciado, nos traz também um desejo imenso de mergulhar nela, para descobrir mais tesouros, mais seiva, e nutrir o espírito com a substância grossa da vida? Muitas coisas me evocou esse prefácio: nordestes, Graci-liano Ramos, Guimarães Rosa (no estilo entrecortado das frases e naquilo que João Cabral de Melo Neto chamaria de palavra "colada à coisa", da qual extrai o seu ser e a sua substância e com a qual você consegue lidar de maneira tão própria e pessoal, apesar de tudo) - mas me evocou principalmente a personalidade do Feitosa, a cada dia mais da terra, a cada dia mais à espera de que o mundo se abra numa grande aparição reveladora.

Neste ponto, sou obrigado a repetir a expressão do Mauro Mendes: "Cadê o livro? Cadê o meu"? Assim, na expectativa de ler, além do belo prefácio, também o livro do Virgílio Maia propriamente dito (para o qual, acredito, o prefácio constitui um excelente chamariz), deixo aqui o meu elogio e o meu pedido de que, quando possível, você nos dê a infor-mação de como consegui-lo (o livro), impresso ou em versão digital (na eventualidade de que exista alguma), para que possamos conferir a coisa e ver se o prefácio não ultrapassou o objeto a prefaciar, o que estou certo - num bom sentido - não será o caso.

Para aproveitar esta carta, gostaria ainda de lhe perguntar uma coisa. Conheci recentemente, no Jornal de Poesia, alguns poemas de Affonso Manta, que muito me agradaram.

Leio, em seu Estudos & catálogos - Mãos, uma notícia, fornecida Maria da Conceição Paranhos, de que o poeta faleceu recentemente, o que terá sido, com certeza, uma grande perda para a poesia brasileira, conforme a própria Paranhos comentou.

Assim, minha pergunta é: que acesso podemos ter a outros poemas do autor, para além do pequeno vislumbre que tivemos de sua obra no Jornal de Poesia? Existem livros publicados dele e estão acessíveis no mercado ou, como receio seja o caso, tudo não passará de raridade - como, por exemplo, a poesia de Orides Fontela, que só podemos ler por fragmentos na Internet e que está, esta última, a esperar por uma boa edição completa de seus poemas, já que se trata de uma presença tão nobre na poesia de língua portuguesa dos últimos anos? Você teria alguma informação a me dar?

Bem, com os votos de que outros prefácios, outros poemas, catálogos, estudos e mãos venham por aí, num sempre crescente nível de qualidade, vai aqui o meu abraço.

Renato Suttana

RICARDO ALFAYA: Caro Soares, registro com satisfação recebimento do Estudos & Catálogos - Mãos, um trabalho em que mais uma vez combina eletrônica com artesanato. Importante também porque traz para o papel material do Jornal de Poesia, aumentando com isso as chances de sobrevivência do material. Quanto à qualidade do escrito e dos comentários dos autores, excelente, como sempre.

Desde o início você tem sido um dos que têm sabido melhor aproveitar os recursos de interatividade que a Internet oferece, ao mesmo tempo promovendo seu próprio trabalho e o de outras pessoas, com enorme talento. Os Catálogos evidenciam essa visão de conjunto em que se tem o seu trabalho e o dos comentaristas bem demarcados, enquanto que, simultaneamente, ocorre a integração e interatividade des-

ses textos, formando um conjunto único. É muito interessante. Ricardo Alfaya

RITA BRENNAND: Poeta, por favor não repare meu silên-cio. Ele é a minha homenagem, minha gratidão. Leio tantas vezes, tantas vezes leio, só me resta o corpo intenso, a carne trê-mula, o arrepio da alma. Meu beijo de sempre. Rita

RODRIGO MAGALHÃES: "Saiba que os poetas como os cegos podem ver na escuridão", era o verso que, na canção Choro Bandido, dava uma voz de sentença a quem cantava. E, do mesmo modo, eles, os poetas, continuam: tateando e achando na escuridão. O Coronel Feitosa sempre foi um cego de bom faro nos dedos. Pega o livro, abre-o pelo peso da mão e, numa viagem ligeira, eis o verso laureado. Assim, pelas mãos, ele mesmo diz, encontrou os ouros de Virgílio. E ele, de novo, confirma, pelas mãos, a poética do nosso canône. Pelas mãos - habito agora apenas esta minha mão; sou apenas esta mão - o coronel Feitosa já vinha enxergando o mundo. Pelas mãos, ele já vinha lendo a casa, os veludos e as superfícies dos homens. E agora, pelas mãos, o enlace dos que se foram e dos que ainda não chegaram. A mão de Castro Alves sob o peso da mão dos novos condores. A mão de Shakespeare, a mão de Flaubert, a mão de Machado - todas, pesando sob e sobre. Espremidas, as mãos? Encostadas, num encaixe leve. Que eles, os antigos, só querem transmitir; que nós, gratos, não queremos esmagá-los. No mais, um texto para a queda do apartheid das escolas. Parnasianos, simbolistas, modernos, em um agrupamento pralém das razões excluden-tes, pralém dos sistemas de Lineu. O novo critério de divisão não divide, sobrepõe. O critério do coronel nos colocou lado a lado. De mãos dadas. Abraços do Rodrigo Magalhães.

RODRIGO MARQUES: Testemunho táctil-ocular. Estava no escritório de Soares Feitosa quando o correio chegou com o livro Recordel de Virgílio Maia. Vi Feitosa abrindo o envelope e retirando estranho papel de couro de bode, leu para mim o pedido de prefácio. Em seguida passou os dedos curtos por sobre a textura do couro e abriu a esmo o livro de Virgílio:

O dia vai começando
e diante d'Ele me calo.
No seio da escuridão
se escuta assim um abalo:
toda a caatinga estremece,
pois mais parece uma prece
o primo cantar do galo.

"Tem-se que ter sorte ao abrir um livro - disseram-me". O livro ficou por alguns dias no escritório, mas logo desapareceu. Passado um mês - mais ou menos, Re-cordel retornou sob a forma de Estudos & Catálogos - Mãos, contendo quase tudo que, durante o tempo em que trabalhei no escritório, comentamos (eu, Feitosa e o advogado Rogério Lima): o júbilo, a matança do porco, as mãos, a festa, o cururu, a poesia, a festa, o retorno do filho pródigo, a festa. A minha primeira impressão foi de achar que tudo pode e deve ser escrito, pois o texto de SF, pensando bem, não passa de uma lista, mas disposta de uma forma tal que o leitor não deixa de revisitar o seu catálogo pessoal, suas recordações, seus estudos. Logo, tudo pode ser escrito, desde quê... Fui o primeiro (acredito) a ler o texto em voz alta, iniciando, naquele instante, o debate vivo que se pode ver no livro-prefácio Estudos & Catálogos - Mãos, primeiro rebento das Edições Cururu, que se ganha, de repente, pelo correio ou pela Internet. Com o circuito de comentários e com a distribuição artesanal, Feitosa conseguiu resolver o problema do livro de Virgílio: o de ser apenas um. Com o prefácio, Recordel tor-

nou-se duplo; com os comentários, triplo; com o Jornal de Poesia, sem margens. Só a Arte, Sr. Leitor, só a Arte! Rodrigo Marques

RODRIGO PETRONIO: Soares da gota! Belíssima organização de catálogos! Muito boa mesmo. Gostei das iluminuras do sertão e da reflexão sobre as letras. Agora, minha mãe é Quitéria, de Afogados de Ingazeira, Pernambuco. Onde fica a tal cidade? Ela, a padroeira, se chama Quitéria? Vou correr falar pra ela. Aquele abraço! Rodrigo Petronio

RONALDO COSTA FERNANDES: Meu caro Soares Feitosa. Que belo prefácio! É uma reinvenção do mundo, a realidade mágica do sertão e dos seus traços, serifas, bois, maneiras de sertão e ser o mundo! Feliz do prefaciado que junta a sua poesia outro texto de mágica poética e análise da arte de ferras bois e marcar a poesia do mundo. Abraços, Ronaldo Costa Fernandes

Rosalice Sherffius: Caro Poeta, recebi seu "papé" e não consegui deixar de lado até ter degustado cada minúcia ali contida! Valeu a pena a espera. Perdão pela minha impaciência de ter cobrado de novo. Esse negocio de morar assim tão longe às vezes atrapalha. Mas posso reclamar não! especialmente com a internet encurtando estradas do jeito que faz... Recordel - Catálogo de catálogos - cem livros em um - Tudo verdade. E apresentado em palavras do mais laborioso quilate! Esse seu sitio, tornado fazenda, evoluído a latifúndio é' a meu ver um monte de países que formam um mundo inteiro! E neste gigante "planeta de palavras", vivem tesouros incontados de historia, dignidade humana, esperança, paciência, humildade, bom humor, e outras realidades varias porém não absolutas, que formam a fragilidade e também o grande poder da humanidade! E' precioso notar como Ele e Ela vivem lado a lado e não em posições de jugo... Há espaço para todos e cada um tem suas tarefas delineadas.Quando eu era pequena, mais ou menos uns oito anos de idade, eu detestava sapo-cururu! Mas ali na Estância - Aldeota, eles pareciam que eram abundantes moradores da região e não tinham nenhuma vontade de sair! Um dia eu tinha acabado de chegar da escola e quase pisei num enorme cururu que começou a inchar e me deu o maior susto do mundo! Essas criaturas podem até duplicar seu tamanho quando estão com raiva ou se sentem intimidadas. A empregada, tendo presenciado o que aconteceu, falou "saia de perto ou o cururu joga veneno em você", o que me fez correr dali e procurar abrigo seguro. O problema é que o bicho fez residência no jardim e não tinha como evitar passar por ele... mas eu aprendi. E as poucos a coexistência se tornou tolerável. Hoje dou risadas ao lembrar do acontecido... alias, relatando isto aos meus filhos, que brincam com sapinhos como se fosse a coisa mais natural do mundo, eles me disseram "mãe boba, você não percebia que aos olhos daquele sapo você era mesmo um gigante?" Em termos de tamanho físico sim, eu era muitas vezes maior que o sapo-cururu, mas aos meus olhos de menina, eu não conseguia desrespeitar um ser assim tão ame-drontador e tão lendário... Sua Edições Cururu é essencial neste mundo digital e real. Prossiga! Obrigada pelo convite ao JP. Este fim de semana irei reler o "papé" e, com certeza, terei muito mais a comentar. Um carinhoso abraço, Rosalice

RUBÊNIO MARCELO: Prezado amigo e companheiro de arte Soares Feitosa: Confesso que ainda estou extasiado com a beleza estonteante das paisagens imprevisíveis que vislumbrei nesta viagem através das sendas feéricas das páginas feitosas de ESTUDOS & CATÁLOGOS - MÃOS. Que força mágica e estupenda catalogada neste compêndio literário! Quanta beleza telúrica, espontaneidade lírica, singe-

leza, riqueza de lembranças-imagens e limpidez de idéias! Soares... Só ares... solares lares... olhares, luares, pomares... sermões, sertões, serões... serão sempre os ícones do espírito envolvente e dialé-tico dos teus versos, dissecando os dogmas e os postulados da essência, e lançando - com desvelo - as mira-culosas sementes do Parnaso nos sulcos estéreis dos nossos corações. Jogando magnificamente com as palavras, explorando-as, repoetizando a peculiar cepa vernácula, neologi-zando o cerne da linguagem e afagando com naturalidade os nossos sentimentos mais recônditos, mostras que teu mundo-interior é qual aquela terra feraz da idade do ouro, cantada por Ovídio. Seara livre, intacta do ancinho e do arado, onde os sonhos e mandaca-rus frutificam aos sóis dos trópicos e aos mugidos matinais. Terra antro-pomorfizada que pulsa em harmonia vital com os seres e seus destinos. Destinos ontogênicos tangidos, renhidos, suados, curvados, cingidos por cetro soez; destinos-bovinos sofridos, tingidos, marcados na tez... Sinceros parabéns, nobre menes-trel! És uma das grandes expressões da literatura brasileira contemporânea. Abraços poéticos e fraternos! Rubênio Marcelo

SANDRA REGINA SANCHES BALDESSIN: Meu muito querido Francisco: A você, poeta, o direito indele-gável, personalíssimo, de nos marcar, leitores cativos, com as suas palavras-gestos, palavras-bailarinas, que nos enredam numa dança de leitura, intensa, intrincada e muito, muito prazerosa... Recebi sua correspondência, a pequena nota manuscrita, o seu abraço, o aconchego do seu carinho, tudo, guardado naquele envelope... Lembrei-me da poetisa russa, Anna Akhmatova: "(...) Assim não se esperam cartas; assim se espera a carta..." Agradeço, poeta, agradeço comovida! Hoje a tarde (sábado) lerei o seu texto na primeira reunião do ano do nosso Centro Literário, acredito que me permita fazê-lo. Saiba que eu o havia lido no site e, inclusive, escrevi-lhe um mail, o qual você não acusa o recebimento e pediu-me que en-viasse novamente, porém, não guardei cópia, pois foi escrito no "calor" do impacto da leitura, no corpo mesmo do mail. Quem sabe você ainda o encontre, pois não foi devolvido. Sabe, Francisco, você é uma dessas pessoas especiais que, por algum milagre, cruzam o caminho da gente; sou feliz que tenha cruzado o meu. Que 2004 seja pleno de tudo que lhe faz bem. Beijo você, com o carinho de sempre. Sandra Regina

SÂNZIO DE AZEVEDO: Meu caro Poeta Soares Feitosa: Você, com seu prefácio ao livro do poeta e amigo Vrigílio Maia, fez mesmo foi um tratado de nordestinidade. É uma bela mistura de memorialismo e de ensaio, sem falar na poesia. Fico aguardando o livro do Virgílio, do qual já conheço o belo prefácio. Abraços, Sânzio

SÉRGIO GODOY: Prezado Soares FeitosaFoi com agradável surpresa que abro minha porta e recebo Estudos & Catálagos. O dia em Amsterdã ficou mais fácil... Gostei bastante do prefácio e fiquei intrigado com os textos; amavelmente, intrigado. Gostaria de mais uma vez agradecer, ainda que na distância, toda sua atenção e carinho. Um grande abraço, Sergio Godoy - Holanda

SÍLVIO ROBERTO SANTOS: Poeta Soares. Curti muito a tua epifania dos Catálogos, rapaz. Lembrei do velho Leopold comprando rim numa feira de Dublin. É o que se poderia chamar de visceral. Ave, Soares! A propósito, esse Recordel já saiu? Sílvio R. Santos

SOCORRO CARNEIRO: Senhor Escritor Soares Feitosa. Agradeço sensibilizada o envio da obra literária Estudos & Catálogos – Mãos. Parabéns pelo belíssimo prefácio em que exalam muçambê e xique-xique cheirosos; leite espumante ao peito da vaca, bois

e o aboio cantante do vaqueiro; a sela, os animais, o cachorro acuando quem tenta ultrapassar a soleira da porta; a lua bonita, o dia amanhecido, o orvalho que molha os meus pés. Inúmeras coisas têm que ser ditas, quadros pintados da festa do sertão. Água que jorra agora, fevereiro deste grande inverno de 2004, de açudes sangrando, que "vai-não-vai". Muito obrigada mesmo por ter re-cebido esta obra de arte. Tudo isto me traz lembranças do tempo de minha infância na casa dos meus avós. Socorro Carneiro

TERESA SCHIAPPA: Caro Soares Feitosa. Foi um prazer inesperado e grande receber os seus "Estudos & Catálogos-Mãos", penso que separata do Jornal de Poesia. O Prof. Carlos Moisés, amigo de há longa data, deu-me a conhecer essa obra extraordinária que é o seu Jornal de Poesia electrónico (brasileiro mas também português, como pude verificar). Do pouco que ainda consultei (além do site de Carlos Moisés, algums itens de passagem) encantaram-me não apenas excelentes momentos de poesia - incluo as apreciações que falam dela - mas também o bom gosto na organização dos materiais e na disposição visual. Com a leitura do seu livrinho fico a compreender melhor a dinâmica que permite um empreendimento tão vasto e ao mesmo tempo tão singularizado: está nele presente o mesmo amor à efabulação poética, a mesma atenção ao pormenor pitoresco e criativo, que associa sem preconceitos o Virgílio "antigo" e o "moderno" e não deixa sequer esquecidos os diferentes AA nas tarefas banais da "catalogação" (uma verificação ainda a fazer!). Achei muito interessantes as apreciações dos poetas referenciados (Virgílio Maia e Rogério Lima) pelo seu estilo exuberante de humor e de riqueza humana, em que convive naturalmente uma multiplicidade de registos; a mesma que é sensível, nos poemas, entre o distanciamento lírico de "Architectura" e a proximidade excessiva, e mesmo dolorosa, de "No céu tem Prozac" - para citar os dois poemas que, por razões diversas, melhor retive após a leitura. Como talvez saiba através do Carlos Moisés, sou uma platonista (às vezes pessoanista), remediada com o ensino do Latim - que, aliás, gosto de ensinar; a dispersão de actividades e a acumulação de autores, que é o nosso tempo presente, torna assim mais preciosa a oportunidade de convívio com outros modos de exprimir poesia - como para mim foi, flagrantemente, a leitura de Estudos & Catálogos-Mãos. Duplamente grata por "este abraço" que os acompanha, cumprimenta cordialmente a Maria Teresa Azevedo

TEREZINHA CARVALHO DE MORAIS: Amigo-poeta: Quatro paredes,um gole d'água,um galo calado,umas pontas quebradas,um riso esquecido,uns papeis amassados,uma cadeira amarela e naquele amarelo não tingido a priori de mim encolhida, embebida, alimentando-me da tarde e da introspeccão embriagadora nas horas das quatro- era só um dia de sol, de sertão, de feijão, de abril e de poesia, e de carta. de carta?! sim, de carteiro e tudo com correspondência timbrada: JP. No amarelo em mãos reconheci o meu corajoso nome, era para mim(fiquei azul de curiosidade). como um amarelo viajado poderia ter sido enviado para mim? Como descobriram-me neste invólucro de poesias, sonhos e cajus? a tarde recolhia-se e abraçava a noite. Quem me descobriu? quem? Foi ele,sim foi ele! O vaqueiro que faz sua sorte, o dono das mãos que tercem as manhas e que sabe fazer arte na vida, aquele que ver ferrar o boi dos sonhos de menino, a voz daquele que abóia aos ventos,o dono do perfume que banha a aurora e que ler o mundo com a empiria dos sábios. Sim foi ele, o meu amigo, um amigo sim que presenteou-me surpresas e palavras colhida dos tempos, um amigo desconhecido e hábil que ofereceu-me o cálice da doce sensação de ser descoberta. Eu tinha um amigo e nem sabia. sim ele era, ele era um amigo-poeta. E o amarelo?! e o azul?! e o fim de tarde?! Tingiram-se todos de cores: de soares, de feitosas, de terezas, de marias, rúis, virgílios, rosas e de poesias. Valeu mes-

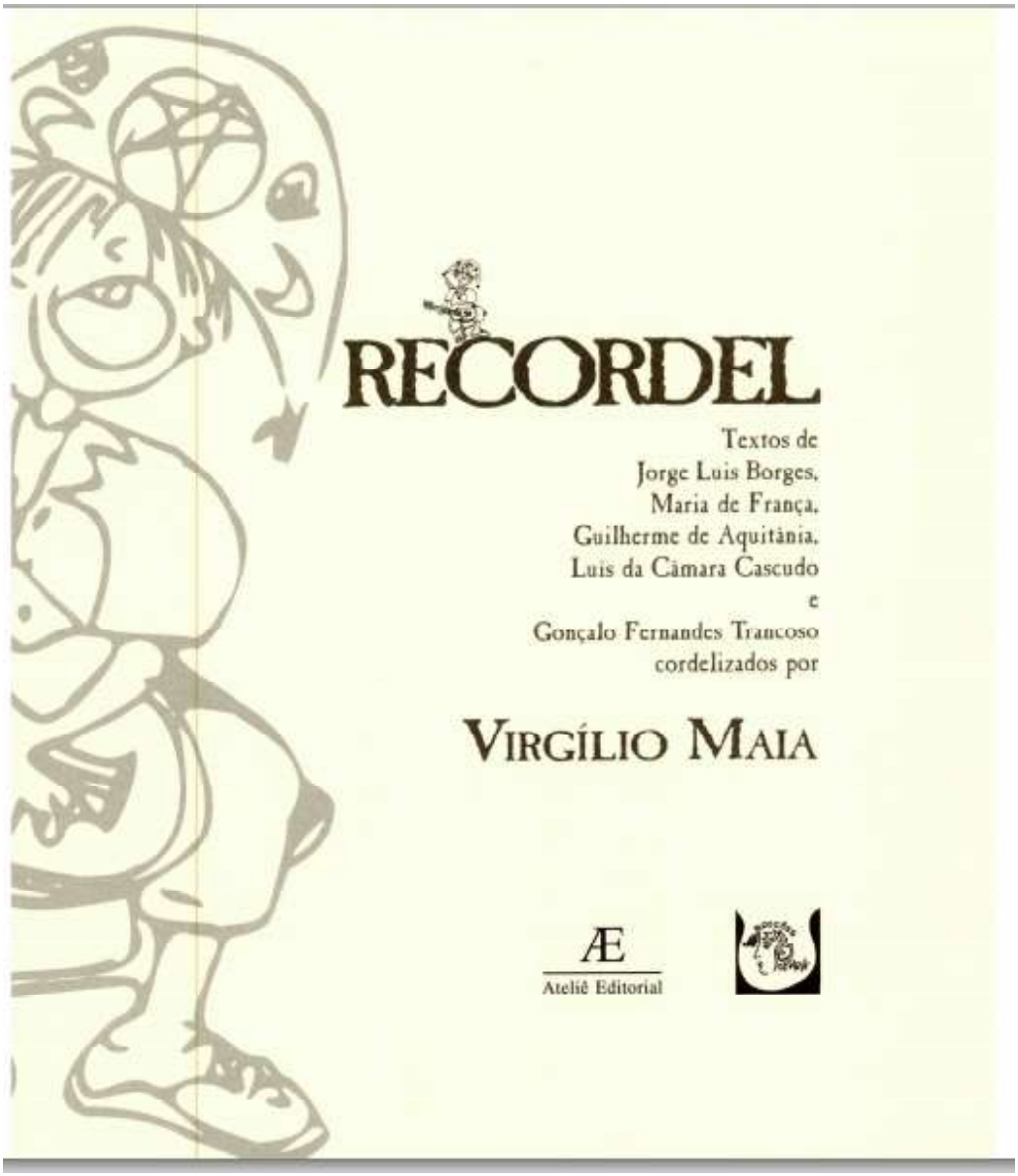
mo! Queria oferecer-lhe amigo-poeta algo de pincelada minha mas não sei se devo e fica a interrogação se desejarias algo assim tanto tempo engavetada no sonho de menina junto com os grilos, os aninhos, os sonhos e o cheiro de café de lenha da simplicidade das horas.

VALDIR ROCHA: Caríssimo Poeta Feitosa, recebi suas palavras impressas, com essa boa nova das Edições Cururu. Alvíssaras! Pressinto que vem por aí algo que poderá crescer - basta que o seu editor assim o queira -, para resultar numa editora ímpar com pés firmes na poesia e na ficção. Pense alto - ainda que sem ambi-ção pessoal -, pois que poderá fazer à literatura brasileira impressa uma bondade igual à que fez virtualmente, com seu site tão apreciado. Quanto ao seu Prefácio, noto ne-le o sabor, tão bom, de seu estilo pes-soal, pois que "Ao dono, indelegável, personalíssimo, o direito de ferrar". Ora, se o Prefácio é seu, com justiça, nele deixou sua marca: SF Abraço grande do Valdir Rocha.

VICENTE FREITAS: Meu caro Soares Feitosa, Acabei de ler agora meditadamente o seu Estudos & Catálogos - Vicente Freitas Mãos. Não vou perder tempo em elogios: quanto ao estilo — uma linguagem inventiva, enfim, um esplêndido Prefácio e não estou fazendo a menor concessão para afirmar esplêndido. Estou com Mário de Andrade quando dizia que a arte é um elemento de vida e não de sobrevivência; que a beleza não é a finalidade mesma da arte, mas uma conseqüência. Quanto ao admirável Virgílio Maia tenho lido alguns poemas de sua lavoura, inclusive Esporas de Prata, que chegou-me às mãos através de um encarte do jornal O Pão; poema que se desenvolve dentro de uma temática regional, com elmentos gráficos que ressaltam essa temática. E essa diferenciação gráfica tem um objetivo: aproximar a grafia às marcar de ferrar gado.Pelo seu prefácio percebe-se que a o livro Recordel segue o mesmo tema. Em tempo: ao receber Estudos & Catálogos - Mãos fiquei pasmo e ao ler, como Mestre Ascendino: ferrado! Gratíssimo. Vicente Freitas

WELINTON ALMEIDA PINTO: Prezado Poeta, recebi e gostei do texto-prefácio do livro Recordel, de Virgílio Maia. Além de me desperar para a obra, me resgata o cheiro bom da vida no campo. Ah! Especialmente para um mineiro que tem no mugido da "estrela" uma das melhores lembranças da infância na roça. Gostoso de ler. Existe um escritor goiano, Hugo Carvalho Ramos, que, se ainda não leu, vale a pena degustar. Morreu muito novo mas deixou uma preciosidade da literatura sertaneja, o livro TROPAS E BOIADAS - com certeza bem apreciado por Guimarães Rosa. Com a estima e o abraço, Welington

XENIA ANTUNES: Caro Soares, recebi e agradeço o envio do Estudos e Catálogos - Mãos. Desculpe a demora em responder, mas estou (estamos todos) às voltas com uma praga de vírus (esse é brabo) e tenho que ter cuidado triplicado com tudo o que entra e sai, além dos procedimentos de rodar antivírus duas, três vezes por dia (já recebi uns 600 e-mails, barrados pelo AVG, felizmente). Fora o trabalho, que é muito, nada de férias. Eu fico "de cara" - é, só na gíria mesmo pra expressar - com a sua produção! E vai escrever bem assim na ...cê sabe onde! É uma honra partilhar escrituras com você. E ler o que você escreve é uma dádiva neste mundo literário tão medíocre. O Jornal de Poesia é essencial, vida longa! Além disso, o seu trabalho de divulgação dos outros poetas e escritores é de uma tremenda generosidade, coisa rara! Quando puder envie algo pra publicarmos na revista A Confraria, vai ser um luxo! Um grande abraço, Xenia. Brasília (Fev/2004)#



MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS ANALISA (*TOMOGRAFIA CRÍTICA*) UM TEXTO DE SOARES FEITOSA

[...]

Arte, coisas — o catálogo das letras finamente desenhadas. Nem tão grandes a não inutilizarem o couro do animal com uma mancha exagerada; nem tão miúdas a ponto de o vaqueiro não as "ler" à média luz, de média distância. E sabíamo-las de cor, a reproduzi-las no chão com um graveto fino. E suas serifas. Arte! Aqueles pequenos rabichos que rebatem a perna do ***A*** ou repuxam um pequeno rabinho duplo na ponta baixa do ***P***.

Conceição Paranhos:

Aqui você inicia a inscripção da escrita. Leu e foi tomado do que se chama em filosofia existencialista de "choque do reconhecimento". Inicia a observação da encriptagem. Decodifica no mundo empírico. Assim a Arte nos move.

Raciocínio indutivo-dedutivo. Até aqui, atos do Homem. A partir daqui, atos da Mulher (a Mãe). Paixão e Ressurreição.

[...] Também do catálogo fêmeo, o desenformar do queijo, desembrulhando-o, alvíssimo (tomando-lhe o sal), úmido, lúbrico, uma tarefa da noite cedo. De mais um pouco, as coalhadas e suas terrinas, ceia e rezas - d'*E*la, minha. E a noite.

Conceição Paranhos:

Essa suspensão de palavras com "*E a noite*" é a fonte da perdição e da culpa, da descoberta das saídas e da compreensão dos mistérios da vida. Da Vida.

Levá-los, queijos, à feira; negociá-los em açúcar, querosene e alguns álcoois são coisas de minha lavra, numa tropa de burros. No cavalo mais dócil, de parelha com a burra *Faceira* comigo em cima, *E*la. Na volta, um cálice de *Imperial*. Ou do *Porto*. Sem esquecer o nome das reses. *E*la quem ajuda a escolher. *Flor do Pasto* à vaca "mais bonita do lugar", *E*la disse. [Eu disse: *F*lor, tu!] O touro *Canário*, lhe botei este nome, aos canários de um certo alpendre. *E*la sorriu. Mas zombou que noutras casas, de alpendres e saias, havia canários. Eu disse que não seriam amarelos tanto quanto.

Conceição Paranhos:

Lirismo e encantamento, da magia, do oculto, do inconsciente e de sua projeção em júbilo.

Ah! o catálogo das águas?! Aquele cavar, escolher onde cavar, recavar (porque tudo que um dia eu cavo, a cheia vem e entope), coisas minhas, catálogo meu. Encher os cântaros — cabaças, roupas, lajedos, moitas de melão São Caetano, perfumar as redes em sol de capim-santo... falem com *E*la, digam que fui eu que disse. Mas o fabrico da moringa de sola, dita também borracha-de-sola, curtindo antes o couro em cinza e cascas de angico... Assovelar cada uma das peças em paciência. E Arte. A arte dos couros; selas, gibões, peitorais, chinelos, inclusos os d'*E*la (com as vaquetas mais tenras); sim, estas coisas estão comigo, sempre estiveram. Botar a moringa de sola a limpar o gosto e o cheiro da sola com tantas e tantas águas, falem com *E*la. Também os canecos-de-beber, potes, jarras, bandejas, toalhas e ornatos de fino crochê; rendas e bilros; linhas brancas e de matiz.

Conceição Paranhos:
Leo Spitzer fala de "enumeração caótica", traço de estilo que imprime ao ato assim enumerador uma nova forma de percepção de mundo. Isto está aqui no seu texto.

Ainda no catálogo das águas, reparar no tempo, no "olho" dos formigueiros, "profetizar" se vai chover ou não, poupem-na. Se sabe, talvez saiba, mas de puro recato, *E*la não diz. E o catálogo dos animais. Dizemos animais tão-só aos cavalos, burros e jumentos - e dalgum político malabuzado. Gado é gado! Peá-los a campo, encabrestá-los, montá-los bravios, a pulso e ordem — cavalos e burros; jumentos não, que são dóceis e calmos de natureza — não remetam a *E*la, tarefa minha, só minha.

Conceição Paranhos:

Ordenação do mundo incons-ciente, condução de seus lucros para o consciente, abolido (felizmente) o superego.

Aos animais miúdos, patos, galinhas, pavões, perus, e os pássaros de dentro de casa — "assum-preto" — soltos, *E*la quem os dirige. Ninhos — pô-los a pôr, deitá-los, tirá-los, o primeiro xerém, falem com *E*la, por favor, que não entendo dessas artes. Espingardear os inimigos, costurá-los à faca? *E*la está inocente, mas saberá desembrulhar seus mortos.

Conceição Paranhos:

Embora em todo o texto você mostre semelhanças com Borges, é mesmo de Kafka - mestre de Borges - o seu manejo da palavra em função de uma significação que preserva o sentido da realidade empírica, todavia conduzida de modo lúdico e encan-tatório (mais uma vez e sempre no seu texto).mesmo de Kafka - mestre de Borges - o seu manejo da palavra em função de uma significação que preserva o sentido da realidade empírica, todavia conduzida de modo lúdico e encan-tatório (mais uma vez e sempre no seu texto).

Ia-me esquecendo, uma tarefa muito d'*E*la: fazer, em letra calma, uns papeluchos «Ave Maria concebida sem pecados, rogai por...», a apregá-los (com um grude ligeiro, de goma, feito no bico da colher, na chapa do fogão de lenha); isto mesmo, pregá-los pelo lado de dentro, em todas as portas, em todas as janelas. Também nos currais quando os bichos adoecem, nos moirões da porteira, protegendo a nós todos, brutos e viventes. Contra os de fora! Por dentro. E "esquecer" um desses papéis no fundo do bolso do meu gibão. Percebo que *E*la o troca quando o suor do rosto... mãos... papel. Um longo aboio. Amarfanhado.

Conceição Paranhos:

A origem de SUA *poiésis*. Catálogos! O catálogo dos *Doze* - tribos e apóstolos. *Trivium* e *quatrivium*, ou, digamos... uma lista... a lista dos galos. Galos? Sim, galos, manhãs e auroras. Ou da tarde rubra (Gular), num sa-guão de sombras, cimento, o olho em riste, desafiante, galo-galo: - *De que me defendo?*

Os catálogos. As Leis. A legislação, o código, os códigos, a pólis - legislação eidética, a moira e a *hýbris* conduzindo a palavra poética. Ampliação, redução, mergulho na memória individual e histórica, bíblica. Os *Doze* exorcizam os próximos passos na sua escrita.

[...] O catálogo das cercas. Somos terra e cercas. Daqui para frente, não! Um risco no chão e se levantam marcos. Cercas. O catálogo abrange a cerca de jangarela, dita também de rama ou de ramada; as de lombo; as de arame de três pernas mais os estacotes na vertical; as de arame com doze fios, à prova de bodes e bacorinhos; as de fachina (de fachos, verticais, especantes) com moirões de sabiá a insultar com o tempo; mais as cercas modelo Piauí: quatro fios de arame por sobre uma muralha justaposta, exata, construída à eternidade com as pedras de Piracuruca, léguas e léguas, vide estrada de rodagem Altos-Campo Maior-Piripiri.

Conceição Paranhos:

Os limites. Escrita extremamente erótica, mais ainda, lúbrica, aprisionada, para não se perder, nos limites da linguagem que expressa uma percepção e experienciação violentas da vida. Séries metafóricas, todas fálicas.

Dizem que ninguém mais sabe fazer uma muralha inca. As pedras talhadas à mão destra, justas, sem emendas, nem cimentos; ou, pelo contrário, as mãos é que já nasciam talhadas em pedra. O que fazer agora do nosso catálogo de hinos do santo padroeiro, dos desenhos das farinhadas, dos engenhos da rapadura, caieiras, tijolos, telhas, cal, pições, cumeeiras, biqueiras — o que mais, meu Deus? — se do sertão, dizem que acabou, resta apenas um juazeiro com a gente debaixo (INSS) jogando sinucas?

Conceição Paranhos:

Continua a trabalhar a lubricidade — o delírio na linguagem — e sobrevém a queda na tragédia da história.

Não! Não e não! Quem saberá, daqui mais uns dias, no catálogo das coisas de comer, notícias de um chouriço, que era apenas um estranho doce de sangue de porco? Um doce de sangue de porco? Talvez fosse nossa herança marrana a desmentir ao mundo a possível condição de cristãos-novos.

Lubricamente matávamos o porco: as mãos viajando no quente das vísceras... Só quem já matou é quem sabe como é. A festa, os rins do bicho, assando-os ligeiros, afogueando-os ao primeiro trago. E a matutagem, um ritual de amizades em que metade ou mais das carnes saíam gratuitas, de puro gáudio, à certeza da retribuição quando do próximo porco do vizinho.

Conceição Paranhos:

Lautréammont conhecia, como você, este mundo de sangue e vísceras fumegantes.

Falemos agora da sorte. Sorte de vaqueiros, sorte de leitor. Há de ter sorte para abrir um livro. Abri-lo na página certa, no poema certo. De gostar ou não gostar. No primeiro lance, um lance de mãos. Foi assim que abri este. A esmo. O poema *As Horas do Dia*. Comecei pela *Hora Uma*:

O dia vai começando
e diante d'Ele me calo.
No seio da escuridão
se escuta assim um abalo:
toda a caatinga estremece,
pois mais parece uma prece
o primo cantar do galo.

Conceição Paranhos:

A redenção operada pelo conhecimento (no sentido bíblico) da palavra como gatilho das emoções mais fortes, a partir do ato de abertura do mistério do livro que, não tenho dúvidas, "cai" em do livro que, não tenho dúvidas, "cai" em nossas mãos quando dele mais carecemos e nos ajuda a discernir algumas das faces da inominabilidade (do "indizível", como preferiam os poetas do Romantismo, em seu movi-mento de *streben ins Unendlich*).

A emoção me disse que o fechasse imediatamente. Nessa mania de achar as coisas com as mãos como sói acontecer com os cegos, reabro-o, momentos depois, bem em cima da estrofe da quinta hora, que, noutro canto, um dia, cantei (*Antífona*):

Pontualmente,
de manhã bem cedo,
pontualmente:
o sol,
o galo,
a aurora,
a lufada do vento,
a manhãzinha,
o café forte,
a porta aberta.

Conceição Paranhos:

Os cegos. São eles que têm o poder da clarividência, personagens ou motivos de sub-rogação, freqüentes na tradição literária / poética, para indica-rem a ruptura com a visão comum, de superfície, e o ingresso no proto-, prete-, inter-, intra-, super- e hipernatural.

Mais um entalo. E outro silêncio, a suspendê-lo só bem depois, para correr, na calma, o livro inteiro. Um defeito gravíssimo, a droga deste livro: é um só! Devia ser cem, um cento. Em multi. Sons. Aboios. Poeiras. Cinzas e memória. Pior é o seu autor: também único. E os juazeiros fervilhando de sinucas...

Conceição Paranhos:

Ah, este entalo! Ah, este silêncio! Ah, este porque se é "trezentos, trezentos e cinqüenta" - e o poeta Mário de Andrade só estava usando um eufemismo ou uma metonímia - e porque se tem a capacidade de ouvir e entender estrelas.#